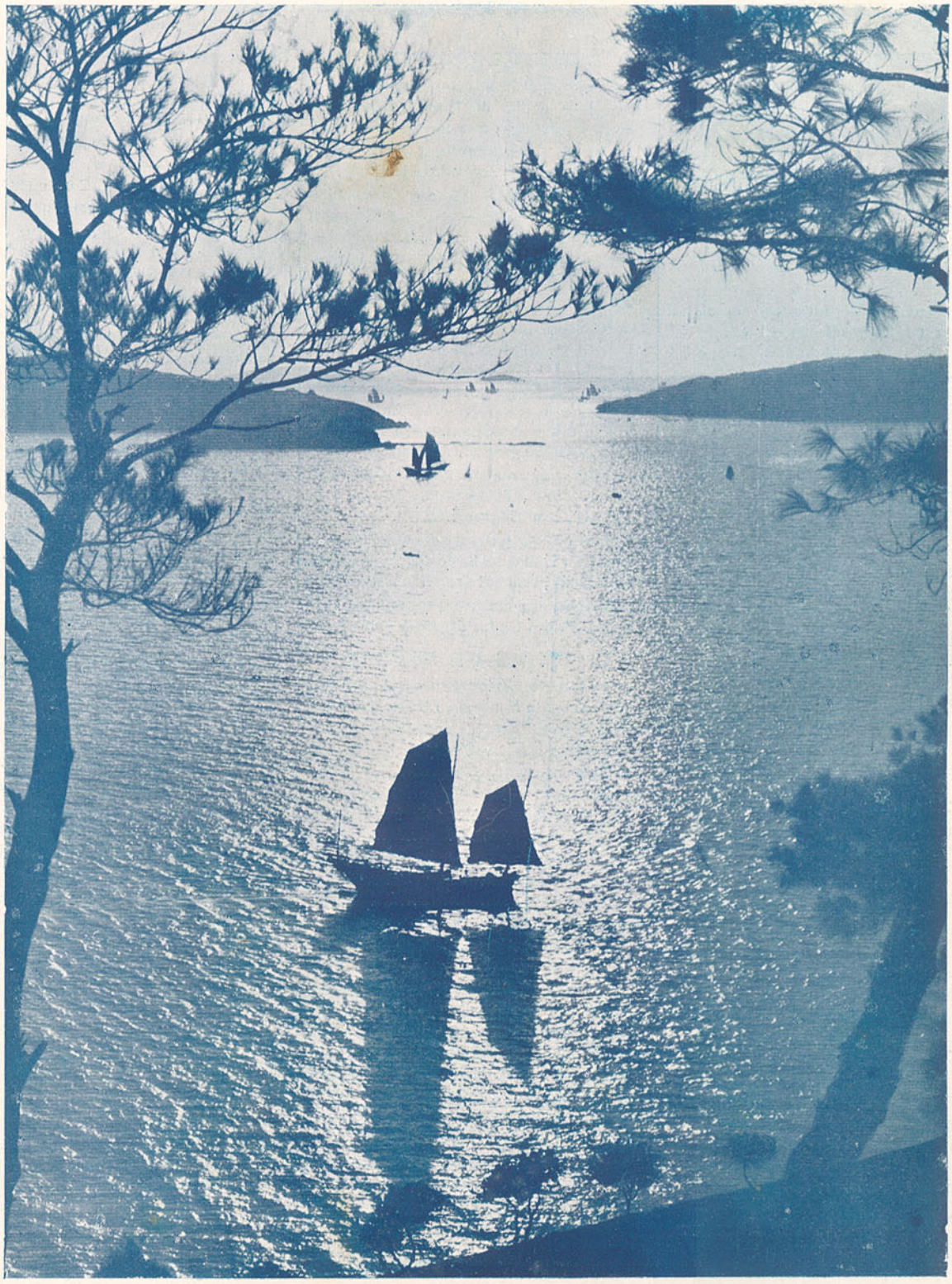
ILUSTRAÇÃO



UMA LINDA PAÏSAGEM DE MACAU

16 OUTUBRO 1939 N.º 332 — 14.º ANO PREÇO 5 escudos

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs. com 273 grav..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 pág, com 170 grav..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. ..... 17$00

Encanamentos e salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 pág., com 464 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas..... 15$00

Fogueiro, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras.. ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs, com 395 grav ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 188 grav, formato 16 × 22..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

UMA GRANDE FIGURA NACIONAL

ACABA DE APARECER O LIVRO

O MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

pelo Prof. Dr. COSTA LOBO

A mais completa biografia do valoroso militar, do insigne estadista, diplomata e cientista. Verdadeira síntese de uma vida de virtudes

1 vol de 306 págs., com 6 grav., broc. . . . Esc. 12$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 13$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DICIONÁRIO DE AUTORIDADE INCONTESTAVEL
E O MAIS BARATO DE TODOS

O mais moderno dos Dicionários
da Língua Portuguesa para o ensino liceal

Aprovado defenitivamente por despacho de 18 de Outubro de 1938
(«Diário do Govêrno» de 30 de Novembro de 1938)

Dicionário da Língua Portuguesa

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol de 884 págs., magnificamente impresso
e muito bem encadernado em percalina verde,

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança . . Esc. 17$50

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA
os REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

LIVROS DE INGLÊS

DO P.e JÚLIO ALBINO FERREIRA

Adoptados nos liceus e escolas comerciais e industriais

Gramática inglêsa	12$50
Selecta inglesa	15$00
Commercial english	18$00
Can you speak english?	15$00
Método de inglês	15$00
Dic.º inglês-português (grande)	60$50
Dic.º português-inglês (grande)	70$00
Dic.º inglês-português (escolar)	35$00
Dic.º português-inglês (escolar)	40$00
Os dois juntos num vol.	65$00

DO MESMO AUTOR:

Método de francês — 1.º e 2.º vol, cada.... 6$00

Pedidos à **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa, que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de TODOS OS LIVROS DE ESTUDO: PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico.) — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10$00
Eurico, o presbítero. (Romance.) — 338 páginas, brochado.....	10$00
O monge de Cistér, (Romance.) 2 vols., com 716 páginas, brochado	20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos.) 8 vols., 2.818 páginas, brochado.....	96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado .	10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10$00
Poesias — 224 páginas, brochado	10$00
Cartas (Inéditas) 2 vols., com 586 páginas, brochado.....	20$00

Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 331 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado ..... 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil
primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina

Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, tecnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

MATCH

O semanário mais completo de actualidades mundiais

Profusamente ilustrado, magnificamente colaborado

Esc. 2$60

Paris-Soir

O jornal de maior reportagem mundial

Muito bem redigido e ilustrado

70 centavos

Marie-Claire

A mais bela, a mais completa, a mais interessante revista semanal feminina

Esc. 3$00

Distribuidores gerais: **LIVRARIA BERTRAND,** Rua Garrett, 73 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16 - OUTUBRO - 1939
N.º 332 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DO "COURAGEONS"

e a nobilíssima morte do seu heróico comandante

O magnífico desenho abaixo reproduzido dá uma ideia do afundamento do «Courageons» porta-aviões britânico, por um submarino alemão. Num momento aflitivo, em que tantas vidas corriam o mais grave risco, o comandante do barco não perdeu a sua serenidade. Ordenando à tripulação que fôsse abandonando o navio que se afundava, os serviços de salvamento começaram a ser feitos com a maior calma.

Muitos daqueles que auxiliavam os seus camaradas sabiam já, de antemão, que não teriam lugar para êles.

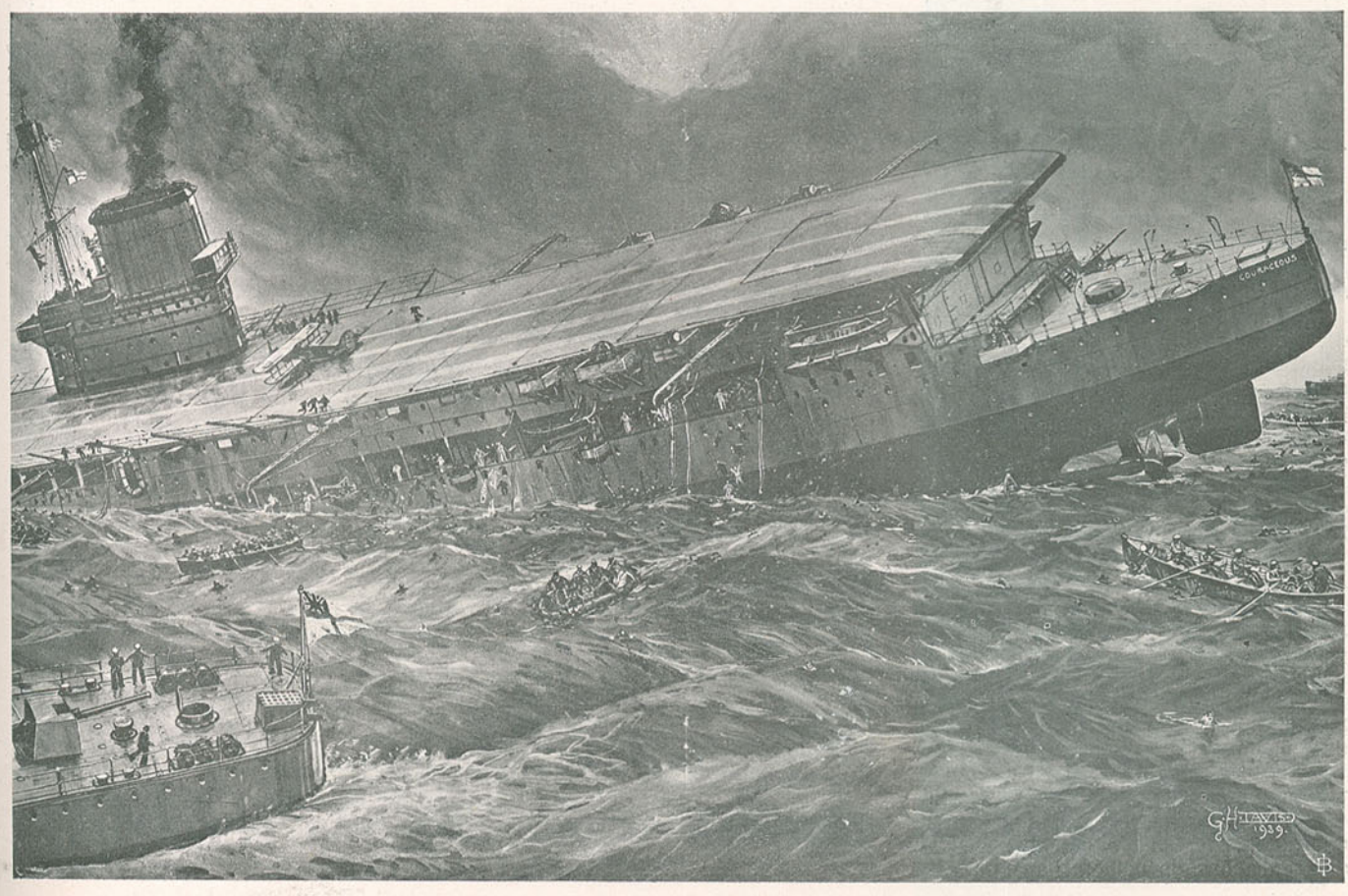
E, enquanto os contra-torpedeiros cruzavam, a tôda a velocidade, a área donde partia o ataque, lançando minas de profundidade à procura do submarino, as embarcações do «Courageons» eram arreadas para salvamento dos náufragos.

Durou vinte minutos essa tragédia!

Maurício de Oliveira — uma autoridade sôbre o assunto — registra o facto com as seguintes eloqüentes palavras:

«Os homens iam abandonando o navio ferido de morte e, na ponte, pelo megafone ou pelos telefones, o valoroso marinheiro que o comandava ia dando as suas ordens, as suas últimas ordens. A água já entrava na ponte e a plataforma de aterragem já estava submersa.

«Olhando serenamente a bandeira da Inglaterra que flutuava no mastro, Mackeig Jonnes fazia-lhe a última continência e deixava-se estoicamente envolver pelas águas. E assim desapareceu no túmulo imenso dos marinheiros, êsse grande inglês que, mantendo uma tradição da Armada Real, honrou nobremente a Pátria, que servia e a farda que envergava. Paz à sua alma e honra eterna à sua memória».



SENTIMENTALISMO DUM POBRE NEGRO

CONTO "NIANJA"

África negra, filha do mistério,
Tens tal poesia em tua vastidão,
Que ainda não surgiu quem traduzisse
O que vibra na alma do sertão

Capelongo, margens do Rio Cunene, 3-XI-1914

★

ZAPE-QUE-ZAPE, carcunda, magrinho, tórax de palmo e meio com vincos de miséria por onde o suor jorrava numas impetuosidades de regato vàdio, medroso, o Jambo mantinha com o seu cajado de bambú, mal espurgado, grandes duelos interiores.

A estrada coleava, espreguiçava-se ao sol macilento da tarde tuberculosa. A areia mirradinha que lhe servia de escama chispava ainda, aqui e acolá, olhito minúsculo de luz. E ela dominadora, sáurea, monstruosa, arrojava-se de salto por entre a brenha compacta, — pata para um lado, pata para o outro, — trepava oiteiros para espreitar caminho, descia ladeiras para matar sêde de anos, abraçava serranias com jeitos garotos de antiga companheira de colégio. De um e outro lado viviam ervas verdinhas, arbustos esguios e árvores seculares, em intimidades de alcova. Recolhia o passaredo ao côito e, e lagartixa mais ladina, galgava tronco vetusto papar borboleta dorminhoca.

Desde matinas que o Jambo, resolutamente, pusera pés a caminho da séde da Administração. Primeiro deambulara pela floresta sem rumo definido; depois, topara nela vereda que o orientou até à estrada protectora. Havia já um rôr de anos que, sugestionado, não abandonava as imediações da palhota barrenta, redonda, pau-a-pique e capim — que mais parecia colmeia do que lura humana. Nem, havia também muitos anos punha vista gulosa sôbre sêr da espécie. Só, êle só sempre, como um abandonado, como um perdido, como um despôjo — farrapo de vida perdido ali, entre ramarias espêssas, no emmaranhado da selva, vivo, possante ainda!

— Ah, bem triste era, na verdade, a sua história!

Ganhou fôrças e, como se quizesse fugir, de uma vez para sempre, áquelas mortificantes cogitações, empinou-se mais no bambú, estugou desabridamente o passo. Pairava lèvemente a hora crepuscular. Rumorejante corria brisa fresca, macia, ferfumada... Mas, nem a agradável tardinha, nem a asa da brisa, conseguiam tonificar-lhe a energia, derivar-lhe a a atenção para outro lado.

— Raio de vida!...

Sufocava-o a própria ideia que o arrastava por ali; intimidava-o novo contacto com os brancos, — os olhares mesmo de qualquer preto como êle.

— Nada, nada! o melhór ainda era voltar...

Desciam sombras em bandos colossais, doidas de treva, apressadas, mudas, e, em breve, a massa informe do matagal negrusco se embrulhava nelas.

Inteiriçaram-se lhe os nervos. Ronceiro, fixava agora buraca luminosa que, lá para os confins, dera de reclamar-lhe a atenção magrinha de lenitivos. Agourento, tímido, mais não quis vêr.

Arripiou caminho, meteu à selva máter com o mêdo, com o amor de uma criança sem protecção.

Fôram encontrá-lo, ao outro dia, escondido numa touça, de bôrco, frio, morto...

Vim, depois de várias deligências, a conhecer pormenores da novela de amor e de morte.

Garotelho madraçara o Jambo, fartos anos, em descuidada pilhagem de passarôlos incáutos, de frutos e tubérculos à mão, pelo mato. Tinha já doze anos, quando o pai, — homem de vistas largas em assuntos de ordem familiar, de regresso de Maovêne, para onde fôra, anos antes, contratado, — lhe ajustou fêmea impúbere. Arranjou-lhe palhota e machamba, perto do seu casal, deu-lhe pulso livre, bons conselhos e a colheita de um ano para o primeiro govêrno.

Passaram-se remansosos anos e, um dia, perdida a mão paterna, teve de abalar tambem para uma plantação, léguas dali, ganhar «mezuruco» para pagar o imposto daquêle ano, pois dos cabedais amontoados, vendido o amendoim, não havia mais a que deitar a mão. Fôra magra a colheita e outros recursos momentâneos, na localidade, não os havia. Partiu saüdoso de Lemia, — a companheira fiel de tantos anos a fio. Por lá se conservou bastante tempo e, se preguntava aos novos trabalhadores chegados constantemente à plantação, notícias da mulhér, ouvia dêles, orgulhoso, grandes e invariáveis encómios: — que era muito trabalhadeira a Lemia; quanto ao porte, muito séria e amiga dêle; Fôsse lá a mais pintada! ¡Demo de «metiana» que êle arranjara e outros cubiçavam! Tomaram-na muitos! Tivera sorte! «Metiana» como aquela era de um homem se lhe deitar aos pés, com quanta «missanga» e «capulana» Lisboa tem.

Finalmente o almejado términus do contrato chegou e o Jambo, com a sacola de palhiça a tiracolo, com gordas economias na algibeira, pôs pés a caminho do lar.

Radiante, — depois de meter algumas «capulanas» e pulseiras na saca, — repetia passadas e passadas pela azinhaga adusta, intensa, que lucilava perto e longe, ao sabôr de bravia curva, na cinza clara da noite nata. A alegria que o peneirava todo em frêmitos de apêgo à vida aumentava em reboliço não o deixando lobrigar sequér, o perigo que a travessia da selva, feita assim, despreocupadamente àquela hora morta, lhe poderia acarretar. Era-lhe indiferente restolhar de fôlhas sêcas ao pêso de pègada de féra brava; o gemido persistente da mata que cochichava ao silêncio sempiterno queixume; o ramilhar das ramarias indispostas com o ousio da brisa teimosa; «magengo» tresmalhado que saltava carreiro com ôlho azulado de íntimas inquietações. Andarilho, matutava na surpresa que ia levar a Lemia, nas alegrias intérminas que, daí por diante, ia gozar na sua companhia, pacatamente.

— Sim, porque êle, uma vez senhor dos escudos que lhe haviam de cobrir impostos de dois anos, a não ser curta cavadela na machamba de amendoim, — para o ano que vinha, — de mais não precisava, nem mais reclamava a sua índole pacata de homem primitivo.

Topou com a lagôa, desceu à ribanceira. Na goela da noite que morria, — surpreso já de um pressentimento mau de feiticeiro agoiro, — ouviu lúgubre vagido de hiena que rondava as immediações. Afoito, foi descendo. Súbito o coração lhe desanda inquietações. Corre, desce, arromba a porta de «macorra» da lura, busca, rebusca, alucinado, a companheira estremecida. E nada! nada! e nada! Chama, grita, uiva, salta para fóra, cabriola. investe contra a brenha ameaçadora. E o silêncio o cínico e arrogante silêncio, insiste na sua, na sua enervante mania de monstro incompreendido.

Erra sem horizonte. Segue-se um marasmo, um acabrunhamento repentino. Abatido pela surpresa mais do que pelo cansaço, deixa-se caír inanimado sôbre tronco carcomido onde moscardos zumbiam e sáureos proliferavam indiferentemente. Foi aí que piedosa aragem lhe levou suspeita aterradora. ¿Corpo putrefacto nas proximidades?! Ergue-se, vagabundo da noite, desanda. Metros dali, mais pelo raciocínio que pelo olfacto entre sarilho de ramos doentinhos, percebe a existência de carnes mortas, nervoso rasgar dessas carnes! Avança desabrido, espumante; cabriola de novo, doido; hidrófobo agora, arroja-se sôbre sêr vivo que na sombra se move. Morde, luta, vence. E o senhor da realidade regressa vingativo, puramente animal.

Conseguiu domesticar a hiena, amá-la depois, como símbolo do que perdera. Uma noite, porém, a carne sublevou-se-lhe. Sacudido por impossível cio, erguendo se da «quitanda», saltou para a féra, agarrou-a em luta de morte ou de vida, quis dominá-la. Ela reagiu. Pelejaram. Depois, sentiu um estremeção de realidade. Magoado, viu, viu nitidamente, a féra nauseante que lhe havia devorado o ente querido. Remoçado, num ímpeto leviano de vingança, foi-se de novo a ela, deu e deu, deu e deu, até a deixar num marasmo de morte.

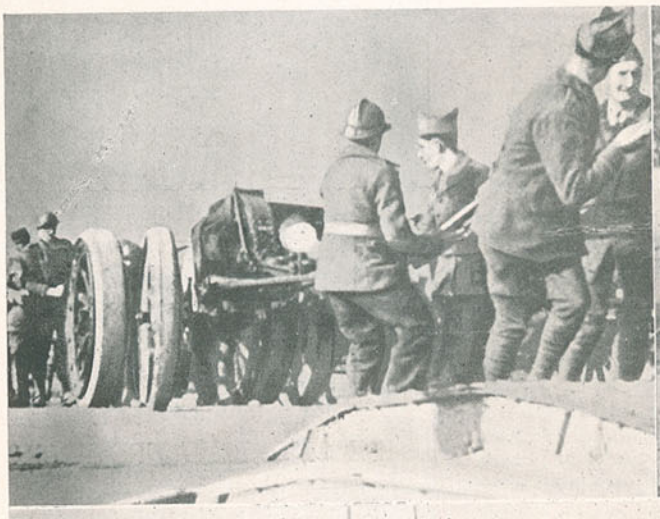
Amanheciam cinzas. Acordou. Matara-a. Covarde perante o delito, como se houvesse conscienciosamente perpetrado dois crimes arripiantes, saíu da choça e tomou o caminho da Administração, no fito de se entregar às autoridades.

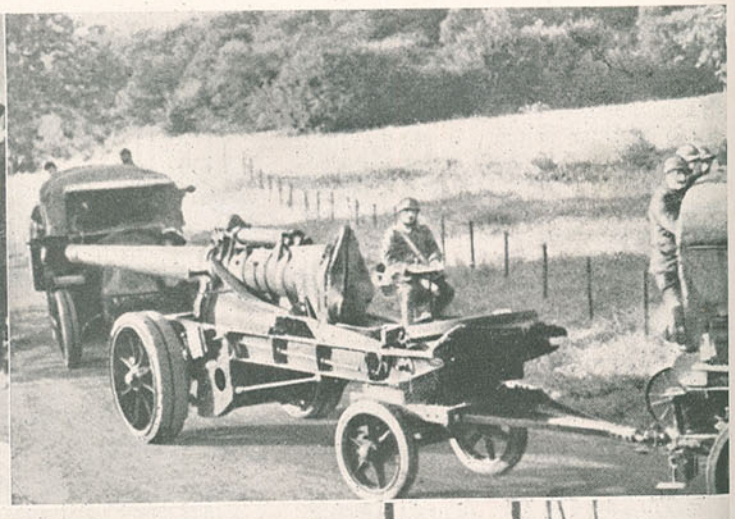
Malêma, 1-6-1939

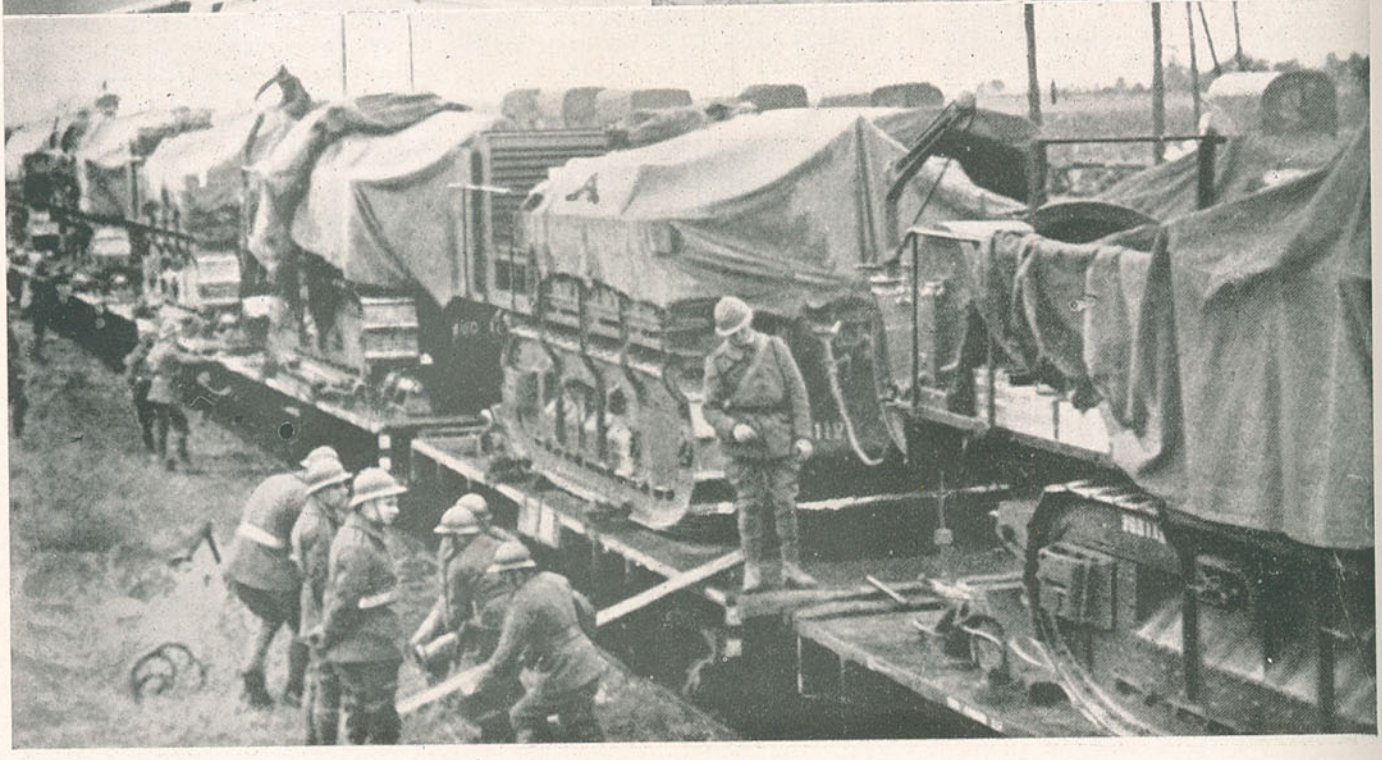
SOARES DE CASTRO

VISÕES DA GUERRA

Oficiais russos e alemães, reünidos em Brest-Litowsk, estabelecem a carta da partilha da Polónia. — *Ao centro:* Carregamento de uma peça de artilharia por meio de plata-forma, e um grupo de artilharia pesada regressando ao seu posto. — *Em baixo:* Condução de tractores por via férrea







VISÕES DA GUERRA

Um camponês polaco contemplando os destroços da sua pobre casa.— *Ao centro:* Soldados polacos conduzidos em camiões a território romeno.— *Em baixo:* Os bombeiros tentando apagar os incêndios provocados pelas bombas lançadas por aviões sôbre uma pobre aldeia sem defesa

Estátua de Cecil Rhodes em Salisbury

A Rhodésia é um rico e belo país. Aí por 1890, um aventureiro de génio, Cecil Rhodes, organizou na cidade do Cabo uma expedição de mercenários britânicos, e, avançando para o norte, franqueou o Limpopo e penetrou no país dos Matabeles. Mas o potentado que governava cafrialmente a vastíssima região que se dilata a um lado e outro do Zambeze, era Lobengula, um verdadeiro descendente dos invasores *bantus* e opôs a Cecil Rhodes uma resistência desesperada. Colocado numa situação difícil, Cecil Rhodes obteve pela diplomacia e pelo suborno o que, inteiramente não pôde conseguir pelas armas.

E a parte principal da Rhodésia, a chamada Rhodésia do Sul, ficou constituíndo de início uma Companhia majestática com poderes soberanos de administração em todo aquêle vasto território, só mais tarde passando para o domínio directo britânico. Assim foi constituído o império de Cecil Rhodes.

Vastas explorações indígenas de milho, pomares infindáveis de citráceas e plantações de tabacos, de cultura europeia, pastos e gados, melhorados estes pela introdução de raças de qualidade, como a Hereford, a Friesland e a Shothorn, tais eram as bases do desenvolvimento agrícola. Mas mais prometedora era ainda a riqueza mineira, em ouro, em cobre, em estanho e, sobretudo, em asbesto, amianto e cromo. E as comunicações estavam já asseguradas. Para o norte uma linha ligava a Elisabethville, no Congo belga, servindo a região mineira da Katanga; para o sul, duas linhas ligavam a Capetown e, para o leste, outra linha atingia o pôrto da Beira, drenando uma grande parte dos seus produtos para o Índico.

Não faltavam as bonitas cidades, de largos arruamentos, com belas escolas de ensino médio e superior, com confortáveis hoteis, com hospitais modelares de alojamente e apetrechamento moderno, tais eram Salisbury e Bulawaio.

É nesta Colónia inglesa que se encontra uma das maiores maravilhas do

ATRAVÉS DAS ÁFRICAS

MARAVILHAS DA RHODÉSIA

O que é preciso conhecer no Império de Cecil Rhodes

mundo: as quedas Vitória, descobertas pelo explorador Levingstone.

Ás quedas Vitoria chamam os indígenas *Masiatunia,* que quere dizer, *Fumo atroador,* porque, de facto, o Zambeze, despenhando-se de uma altura de 117 metros, em queda vertical, levanta para o ar espessas colunas de fumo muito branco, ouvindo-se o rugido da queda a 50 quilómetros se o vento corre de feição.

— É fenomenal! — dizia o visitante, contemplando majestosa queda.

Antes de lançar se no precipício, o Zambeze, salpicado de ilhotas, corre brandamente, como um lago adormecido de meia légua de largura, com margens baixas bordadas de papirus, de bambús, de ervas altas e palmeiras anãs. Súbito, a imensa toalha líquida dobra-se em ângulo recto e resvala por uma gigantesca muralha de basalto, formando outra dupla muralha de espuma com colunas turbilhonantes a misturarem-se e a confundirem-se com as protuberâncias da rocha basáltica.

Em baixo, a água é retida como que numa gigantesca marmita que arremessa para o ar jactos de vapor líquido. Há depois uma série de cascatas e de desfiladeiros pelos quais o Zambeze retoma o seu curso normal.

— É uma maravilha! — repete o visitante que ali chega pela primeira vez.

Cêrca de Bulawaio, uma cidade com 8.000 habitantes europeus, podem visitar-se os *Zimbanbués,* edifícios que se não sabe ao certo se fôram túmulos, fortalezas ou antigos palácios de primitivos habitadores da África central ou, ainda, vestígios da passagem dos fenícios por aquelas paragens, os quais fenícios deixaram também no curso português do Zambeze algumas inscrições. Na verdade, os fenícios navegaram no Mar Vermelho e no Índico por incumbência dos Faraós. Estas viagens tinham, sobretudo, fins comerciais. É de admitir que o Zambeze de há 3.000 anos oferecêsse condições mais favoráveis à navegação do que oferece presentemente e que, assim, os fenícios, pudessem ter penetrado o seu curso, transaccionando com os indígenas os minérios de Téte, da Manica, e da Rhodésia e visitado até os planaltos interiores.

Eram os *Zimbanbués* uns recintos circulares formados de paralelipípedos de pedra solta, tendo no centro uma tôrre com a forma de cóne truncado e constituído do mesmo modo, com as mesmas pedras soltas do recinto exterior.

— A antropologia e a arqueologia têm ainda muito que estudar em África — dirá o visitante, contemplando aqueles monumentos. — Quem sabe que surpresas nos reserva a África sob o ponto de vista da prehistória?

— Agora! Talvez penses encontrar aqui algum palácio de Kuossos como Evans encontrou em Creta! — comentará outro com ironia.

— O quê?! — ripostaria o primeiro com calor. — Não representam estes monumentos qualquer coisa semelhante ou superior aos monumentos do período neolítico na Europa? Eu creio que houve no centro da África uma civilização anterior às civilizações nossas conhecidas. Pois não é no próprio Egipto que subsiste a tradição duma invasão de povos idos daqui ou da região dos lagos, povos que conheciam já o uso dos metais, quando os Faraós não tinham erguido ainda as suas monstruosas pirâmides?

Um sorriria da hipótese do outro, pois se lhe afigurava absurda.

Mas o primeiro insistiria:

— O que não há dúvida, já agora, é que existiu aqui um tipo humano idêntico ao *Cró-Magnon,* um homem que habitou as cavernas e que nelas deixou testemunhos da sua arte.

E como o segundo persistisse nas suas dúvidas, o primeiro propor-lhe-ia visitarem ambos o Vale das Ruínas.

O Vale das Ruínas, descoberto em 1868 pelo caçador americano Adam Render, continha uma série de cavernas, com esculturas e pinturas rupestres duma semelhança extraordinária às que se encontram no norte e levante da Espanha e no sudoeste da França. É a mesma visão dos homens e dos animais, a mesma expressão de arte do homem primitivo da Europa paleolítica. Havia, porém, nas cavernas do Vale das Ruínas, alguns detalhes novos como, por exemplo, a caça ao homem por outros homens, o que parece patentear já a luta fraticida da espécie com o objectivo de sujeitar os vencidos à escravidão ou, porventura, indicando a antropofagia como um costume.

Ali observariam atentamente as pinturas rupestres das cavernas do Vale das Ruínas.

Umas, representavam grupos de corpos humanos com cabeças de animais, o que fazia pensar nas superstições ou religiões totémicas daqueles povos artistas; outras, mostravam um chefe engalanado com penas de avestruz, falando aos seus súbditos, o que denunciaua o adôrno como um símbolo da autoridade;

havia a reprodução dos vegetais, o que não sucede nas pinturas prehistóricas da Europa. O respeito pelos mortos deduzia-se de alguns quadros pelas cerimónias prestadas em face dos cadáveres;

Colonizadores da Rhodésia

noutras pinturas havia figuras estilisadas para fazer o desespero dos modernistas nas suas pretensões de originalidade. Enfim, como sucede nas cavernas da Europa, as da Rhodésia apresentam variadíssimas espécies animais pelos quais se pode decidir qual teria sido a forma predominante daquele período distanciado.

— O que é mais extraordinário — diria o primeiro — é que aqui, no Vale das Ruínas, se encontraram algumas centenas de quilogramas de figuras, adôrnos e utensílios de ouro, fabricados com uma técnica e um estilo originais que não revelam nenhuma influência estranha».

E por isso êle concluia triunfalmente em face do outro boquiaberto da surpreza e já convencido das suas razões:

— É por tudo isto que eu admito a hipótese de uma civilização anterior a todas as outras no centro da África».

E assim, a pouco e pouco, vão surgindo os necessários documentos que hão de provar talvez a existência de espíritos luminosos e distantes nessas paragens adustas, onde, ainda há pouco, era perigoso entrar. E mais uma vez se verificará que «não há nada de novo debaixo do sol».

CÉSAR RAMOS

A antiga cidade de Pretória

ECOS DA QUINZENA

Os novos cadetes da Armada prestaram homenagem a D. Afonso Henriques, seu patrono. Nas gravuras de cima e do centro vêem-se o sr. ministro da Marinha e os novos cadetes assistindo à missa nos Jerónimos.—*Em baixo:* O sr. general Peixoto e Cunha, novo governador militar de Lisboa, recebendo os cumprimentos dos oficiais da guarnição. A' direita: O sr. Subsecretário de Estado da Guerra discursando na posse dos srs. generais Silva Basto e Peixoto e Cunha, respectivamente, ajudante general do Exército e novo governador militar de Lisboa

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Aspectos das inundações em Lisboa provocadas há dias pelas chuvas torrenciais que caíram, dando a impressão que começara o inverno com todo o seu rigor. — *Em cima, à esquerda:* A Rua Vieira Portuense bloqueada pelas águas. *A' direita:* Um aspecto do Largo de Alcântara. — *Em baixo:* Na Avenida 24 de Julho

O sr. Cardial Patriarca recebendo os cumprimentos da Juventude Católica Feminïina. — *A' direita:* A mesa que presidiu à sessão solene da inauguração do Seminário de Aveiro

...a mãe não gostaria que êle fizesse aquilo!

Depois do fecho das contas, seguia pela Avenida — com o passo inconsciente de dominador que lhe ficára da fortuna perdida — cadáver vivo dum sonho desfeito.

Sentia a volúpia de lhe ser possivel subir para um carro, retomar o volante e seguir, no estrido turbilhante da sereia, por essas estradas fóra... Madrid, Paris, como já bastas vezes fizera.

Evidentemente que os quinhentos escudos resmungões saídos da algibeira do Morais, provento de milhares de numeros e palavras cuidadosamente desenhados em livros agressivos, não lhe chegavam nem para modestas fantazias no comum electrico. Êle vivia o dia de ontem como os outros vivem o dia de ámanhã. Julgo mesmo que os homens se dividem em duas categorias estáveis e perfeitas. Os infelizes que vivem o dia de ontem, e os felizes que vivem o dia de ámanhã. Só os loucos, isto é, os amorosos, se atrevem a viver, com descaro, o dia de hoje.

Retardava aquele sonho tão real de invejar o que aborrecera — felicidade tão rara, travo amargo e delicioso dum crepúsculo de deuses.

Naquela época, ainda a madrinha não casára, êle considerava-se o único herdeiro da avultada fortuna, travára relações com o Borges, um camarada da Universidade. O Borges preparava, surrateiramente, o casamento dele com a irmã, na mira de sociedade ao saque legal dos milhões da D. Ana. Já namorava a menina Borges, quando a madrinha, impressionada pela extraordinária semelhança do trintanário com a imagem familiar dum S. João Baptista, fez aquele desgraçado casamento.

Nessa altura o Borges, comprometido numa questão de fundos teve de fugir para a África do Norte, e a menina Borges acompanhou a desolada familia para um recanto do Minho, onde restavam á mãe uns pedaços de terra. Apertado pelas aflitivas queixas do patrão, notário e forreta — fez voto de celibato.

E como tudo o que dizia — cumpriu-o rigorosamente.

Depois foi o turbilhão. O arrancar alvoroçado das mangas de lustrina — quando soube que a madrinha, fiel outra vez à imagem de pau — já que a de carne, infiel, fugira — lhe legara todos os bens; a palmada vingativa nas costas já servis do patrão... Momentos de febre onde se colhem as mais estranhas e imorais flores do poder, êle no desejo irrequieto de tudo vêr, de tudo conhecer — esqueceu o trabalho de pensar na sensação única dum mundo sempre novo.

Aceitou sociedade para a exploração dos azeites argelinos que o Borges lhe propôs. Explorou minas de petroleo no México, cultivou extensos prados na Argentina e, através de ocupações múltiplas, viveu a grande vida de potentado cosmopolita, amado e temido por sêres que não temem nem amam.

Santos Panúcio

Na bolsa teve o seu Austerlitz, em Monte Carlo um glorioso Waterloo, e Lisboa, amorável e terna, acolheu-o nas doçuras de idealizada S. Helena.

Deste naufrágio salvou o pecúlio de oitocentos e tantos contos, casas no Rato e alguns papeis do Estado, o razoável para poder desempenhar o seu papel num meio restrito.

O Borges, que inteiramente lavado da mácula antiga, atribuída por êle a vinganças políticas, voltava rico da África, propôs-lhe sociedade. Em consideração para com o antigo senhor de África, que lhe dera a mão, dizia êle, dava-lhe ocasião para triplicar os capitais em negocios de altos fornos.

Está claro que o antigo financeiro recusou. O Borges dois anos depois suicidava-se — dizendo-se roubado, e pedia-lhe que velasse pela reputação que não pudera salvar.

Á beira do caixão, entre uma familia desolada, reconhecendo no Borges uma vítima, prometeu ilibá-lo de toda a culpa de que injustamente era acusado. E como tudo o que dizia — cumpriu-o rigorosamente.

Por longos meses se arrastou a questão nos tribunais e as custas do processo arruinaram-no completamente. Provou-se a inocência do Borges, que, na sua campa, gozou a reputação, de resto bem inútil para êle, de honesto. Mas as indemnizações arbitradas não fôram pagas. Aqueles que lançaram o labéu de ladrão ao Borges não hesitaram em o tomar para si levando todo o dinheiro na fuga para a alegre e acolhedora Argentina.

Como depois ao regimen esclarecedor dos 500$00 mensais êle reconheceu — fôra uma encantadora estupidez sentimental.

A Avenida tomava os tons dourados

daquele macio sol português que lembram as alegrias bucólicas do campo, qualquer coisa de muito puro e inocente, quási vergiliano. quando o grito do Silva, da casa Silva & Sôto, o acordou completamente do semi-sonho em que o seu andar sem fito o mergulhára. E logo a seguir aos primeiros regozijos surprezos veio o convite do festivo homem.

Vasculhando aflitivamente as malas, descobriu, além de reserva insuspeita de roupa, o almejado «smoking»: Irra!... até que enfim podia aceitar o convite do Silva — uma viagem à Espanha.

Em Madrid, no bar «Tonkim», encontrou a ardente Zôka, — o seu verdadeiro nome era Marfa Lichatscheff, — sectária comunista de olhos e cabelos negros, tão negros quanto os seus lábios e os seus ideais eram vermelhos. Ao som dum tango, um tango lento que o corpo da Zôka materializava de languidez coleante e avassaladora, combinou, lábios quási contra lábios, a adesão ao partido. Venderia um depósito de joias, o seu último recurso, ao Monte-Pio, e estabelecer-se-ia em Madrid, vermelho, tão vermelho como os lábios da sua eleita.

Aqueles oito dias de Primavera, maravilhosa lua-de-mel que êle jurava nunca findar, na comoção de incertas vésperas revolucionárias, tão favoráveis aos amorosos, foram vividos, profundos e absorventes — como os beijos dela.

Partiram mais cedo que o previsto — o Silva, homem pacato e de ordem porque temia a revolução, e êle para retornar à sua amada e fazer a revolução. A estrada tornava-se infindável para aqueles dois sêres ansiosos de chegarem ao fim da sua ilusão. Ainda mais duas horas de caminho antes da fronteira. Duas horas em que..... Seis civis armados obrigaram-nos a parar. Os «Rojos» ante as afirmativas dêle não se convenciam. Examinaram minuciosamente a sua identidade de camarada — enquanto o Silva, já mais calmo, abençoava a ideia do seu amigo em ingressar nêsse partido feroz.

Mas o mais forte, o chefe, queria uma prova. Todos os dias os fascistas fugiam. E atirando ao chão o Cristo, presente do Silva e para a família exigiu que o espesinhassem.

O Silva hesitava. Êle recusou. Foi amarrado à mais próxima árvore, e, victima dum homem, por amizade, de quem não era amigo e que o arruinára, dispôs-se a morrer pela religião, êle que não cria em nenhuma. Tôda a sua vida lhe pareceu cheia de incoerência e estupidez. Aqueles homens poderiam, dias antes, ser seus amigos, dêle que nunca tivera amigos, pelo amor duma mulher, essência viva de si próprio, que quási de golpe o reconciliára com a vida. E agora por estúpido orgulho ia morrer. Nêsses segundos de dúvida a imagem da Mãe, que êle mal conhecêra, ressurgiu-lhe no espírito hesitante. Lembrava uma das poucas frases apanhadas na meninice: faz a vontade... sim a Mãe não gostaria que êle fizesse aquilo. Foi por isso aquele sorriso feliz — o seu último sorriso.

E o seu corpo ficou exposto ao grande ar da noite, aos afagos meigos da lua, até que o sol no seu brilho eterno lhe deu, da sua potencia misericordiosa, os vermes redentores — e os corvos da côr do cabelo da Zôka idolatrada o vieram comer de beijos.

.....

O Silva seguiu a viagem, pensando confortado — êle já não viu. Mas dias depois mandou-lhe dizer uma missa por alma. Não que tivesse dúvidas da descrença dêle, sabía isso de sobejo, mas esperava o perdão das pizadelazinhas.

Não pôde deixar, contudo, de sorrir quando o sacerdote disse: «A vida não é uma ilusão desde que deixemos atrás de nós as provas irrefutáveis de inabalável crença».

Santos Panúcio.

A MULHER INGLESA E A GUERRA

É admirável a atitude tomada pelas mulheres dos países em guerra. Na Polonia a mulher tem defendido o seu solo pátrio, com o mesmo entusiasmo do que o homem, com a mesma energia e exemplar coragem.

Na França também a mulher perante o facto consumado da declaração de guerra e mobilização, demonstrou uma resignada coragem e em pouco tempo uma adaptação completa à situação. Dentro dessa Paris que tem a sua vida muito modificada, principalmente nos meios cosmopolitas, quer de turistas, quer de estudantes ou artistas, a mulher francesa recomeçou a sua vida.

A tiracolo a caixa da máscara anti-gaz e aí segue ela a sua vida habitual, tratando dos seus negocios. Como eu já previa, a indústria da moda retomou a sua costumada actividade, para fornecer a habitual exportação para todos os países neutros, que seguem a sua vida normal e que esperam a indicação do que é elegante e que só de Paris pode vir.

Mas temos de curvar-nos perante a orientação da mulher inglêsa em face da guerra. Verdade é que de há seis meses para cá os dirigentes do país, convencidos de que era inevitável a guerra, embora houvesse o grande desejo da paz, nesse país, tinham preparado o ânimo da mulher e tinham organizado o serviço feminino durante a guerra com verdadeira perfeição.

Foi organizado debaixo da direcção de Lady Reading, o «Serviço voluntário das mulheres para a defeza civil».

Qualquer senhora se pode inscrever dizendo quantas horas disponiveis tem no dia e qual o serviço que se julga apta a desempenhar.

Esta organização feita com a maior inteligencia, não obriga a mulher a pôr de parte todos os seus habituais deveres e a tornar a vida num caos.

Os serviços que presta são apenas nas horas que em tempo de paz dispendia em divertimentos banais, que no momento de perigo são excluidos da sua vida.

A vida normal decorre sem interrupção, apenas dá ao serviço da pátria aquelas horas de que pode dispor.

Aquelas que têm conhecimentos de datilografia e taquigrafia são imediatamente aproveitadas para serviços públicos, assim como tôdas as que têm habilitações especiais.

Como enfermeiras tôdas são aceites, porque fácil é à mulher adquirir conhecimentos que lhe permitam tratar doentes na defesa civil, pois que não se trata apenas de enfermagem de guerra que exige conhecimentos especiais, mas para a qual são escolhidas as enfermeiras profissionais, que serão substituidas pelas enfermeiras do «Serviço voluntário» quando seja necessário nos hospitais das cidades.

Mas para que sejam devidamente habilitadas, têm sido organizados cursos práticos nocturnos, que em poucas horas na semana as habilitam a fazer um serviço exemplar.

São sobretudo requisitadas senhoras para ajudantes de evacuação de crianças e milhares de donas de casa se ofereceram para tomar conta de crianças retirando-as das zonas de perigo e cuidando-as e tratando-as como se fôssem suas.

São também precisas senhoras que se prestem a conduzi-las aos locais que lhe são designados e a olhar por elas durante a viagem e não faltaram senhoras para esse exaustivo trabalho, que manteve em serviço extraordinário, durante alguns dias, tôdas as estações de Londres.

São também muito concorridas as lições de puericultura que habilitam a tratar as crianças na primeira infância, que fôram evacuadas e que requerem a maior atenção.

Um serviço que foi muito bem aceite foi o das proprietárias de carros que puzeram os seus carros á disposição dos hospitais para transporte de doentes ou feridos ou para transportar médicos e enfermeiros dum local para o outro. Estas senhoras têm de ter uma licença especial e serem capazes de mudar uma roda e reparar o motor.

Esse serviço é feito com o sorriso nos lábios e a melhor vontade de bem servir, o que torna sempre tudo fácil.

Muitas senhoras e meninas possuidoras de coragem firme e fortes nervos alistaram-se no serviço de Guardas Civis do Ar e recebem instrução diária no campo de aviação do «Serviço voluntário». Uma perfeita instrução que as habilita a todo o serviço do ar, serviço cheio de perigos de tôda a ordem.

Como auxiliares de bombeiros, são também muito requisitadas e enorme é o número de alistadas, sobretudo como vígilantes, serviço tão adequado às fôrças femininas. Mas não é sòmente nestes lugares perigosos que são necessárias as mulheres; a mobilização afastou os braços dos homens para os campos de batalha e os campos não podem ficar incultos. Lady Reading deu tôda a atenção a esse assunto e tôda a mulher que se inscreve nesse serviço recebe uma instrução completa sobre a cultura de campo e jardim, ficando apta a fazer face ao trabalho que lhe é exigido. Estes serviços estão instalados em Courtauld House, Byng Place. É admirável esta organzação que inclui todos os serviços que uma mulher pode prestar e que organiza a defesa civil pela mulher com uma precisão absoluta, que indica um estudo profundo da situação.

A essa organização correspondeu a mulher inglêsa com a mais completa compreensão dos seus deveres e com a melhor vontade de servir a pátria e desde os primeiros dias de Setembro funciona esse organismo sem ter tido uma defecção por parte das inscritas, sem que para isso tenha tido um forte motivo.

Tem também uma divisão «Serviço Geral» ou «Serviço Local». O «Serviço Geral» subentende uma possivel deslocação que pode levar as alistadas para longe, até para as colónias inglesas.

O «Serviço Local» é apenas feito em Inglaterra e no ponto de residencia. Para o «Serviço Geral» o limite de idade é dos 18 aos 45 anos. Para o serviço local esse limite estende-se até aos 50 anos.

Esse limite representa o cuidado de não obrigar a um trabalho exaustivo as que ainda não têm forças para o fazer ou aquelas para quem certos trabalhos, são já excessivos, prejudicando a saúde.

Esta organização para tempo de guerra é admirável, mas representa um esfôrço enorme por exigir em pouco tempo um trabalho que feito com antecedencia seria muito mais fácil.

Todos os países deviam ter este «Serviço Voluntário Feminino para a defesa civil» estabilizado e tôdas as senhoras e meninas deviam dispor de algumas horas para se prepararem para o serviço para que tivessem disposição, e, em que pudessem auxiliar o seu país quando delas necessitasse.

Bastava dispor de boa vontade e de algumas horas no dia.

Horas gastas muitas vezes em inúteis distracções ou em ociosidade perigosa, para o espírito e para o corpo.

Lady Reading deu um exemplo de organização admirável, exemplo que deve ser imitado, porque não é só no momento de perigo que se devem pensar nas coisas, mas na vida é necessário estar preparado para todas as eventualidades.

E se pela sua vida profissional ou desportiva a mulher inglesa tinha já uma preparação que lhe permitiu acorrer e desempenhar sem dificuldades os serviços escolhidos e para os quais se alistou, nem em todos os países a mulher poderia assim proceder.

Na Escandinávia onde toda a mulher, seja qual fôr a classe que pertence, tem além dum curso, uma habilitação profissional manual, também será fácil organizar um serviço desta ordem.

Mas nos países em que a mulher tem uma preparação muito superficial, para a vida, só debaixo de dura necessidade se poderia conseguir qualquer coisa no género e nunca com a admirável organização de Lady Reading.

Entre nós que já existe a «Mocidade Portuguesa Feminina» é bem possível que de futuro se consiga com aquelas que já receberam essa educação uma coisa semelhante.

Actualmente num caso de necessidade, não seria muito fácil conseguí-lo, porque as senhoras em edade de se alistar não teriam êsse hábito de trabalho disciplinado que estas coisas exigem. Seria interessante que alguma coisa nesse sentido se fizesse, embora não tivesse outro fim que não fôsse o de disciplinar um pouco o espírito feminino durante algumas horas do dia.

Entretanto admiremos a mulher inglesa que tão patrioticamente se presta à defesa do seu país e que serenamente trabalha, sem alarmes, nem crises de nervos. A sua disciplina, a sua orientação, para louvar são e também para estudar e adaptar.

Lady Reading ao crear este vasto campo de actividade á mulher do seu país em vespera de guerra, prestou à Pátria um valiosíssimo serviço e á mulher inglesa proporcionou a ocasião de se evidenciar pela orientação que lhe deu.

Porque sem direcção e sem orientação nada se consegue de útil; sobretudo nas ocasiões de perigo, como esta que a humanidade atravessa.

A disciplina, a ordem e a orientação, são tão necessárias á mulher, como ao homem, quando se trata de trabalhar sériamente para o engrandecimento do país.

MARIA DE EÇA

ALMAS DISTRAÍDAS

DÁ-ME às vezes para recordar certos factos, e hoje lembrei-me duma arrelia que tive aqui há meses.

Era uma tarde chuvosa e tristonha.

Estava a tomar um café numa leitaria da baixa e, segundo o meu costume, aproveitava o tempo para ler alguns jornais.

De súbito, despertou-me a atenção a chegada de três rapazes animados e alegres, que se sentaram a uma mesa perto da minha.

Mandaram vir vinho do Pôrto, licôres, e outras coisas caras.

Pela despesa que faziam, não me pareceram pelintras, nem sequer criaturas que precisassem de olhar a mais tostão, menos tostão.

Já vão ver porque fiz estas considerações.

Até ali ía tudo muito bem. Eles alegravam-se cada vez mais, e a despesa ía aumentando.

Eram homens na fôrça da vida e, evidentemente, sem cuidados nem preocupações, pelo dia de àmanhã.

Tudo isto eu deduzi, pela conversa que entretinham entre si.

Eu continuei lendo os jornais, e êles continuaram beberricando, ao parecer felicíssimos e estuantes de vida.

—•—

Passada meia hora em que os meus visinhos não deixaram de mostrar eloqüentemente a sua alegria de viver, entra na sala um homenzinho, cégo dum ôlho, de aparência miserável, mal vestido, cara de privações e com um parecer carregado de inquietação.

Justamente a antítese dos meus três visinhos.

Vendia bugigangas, êsses pequenos nadas, muitas vezes só servindo para tirar a um desgraçado a vergonha de pedir ou para disfarçá-la, e tornar menos humilhante a sua situação.

Porque êste pareceu-me daquêles que não pedem por costume, mas só por urgente necessidade, que não espera, que não admite delongas.

Ao ver aquêles rapazes tão bem dispostos, teve no seu olhar mutilado um lampejo de esperança: Tão jóvens, tão contentes, deviam ter bom coração.

E chegou-se a êles, oferecendo-lhes a sua humilde mercadoria, já tão puída de tanto mostrá-la e tão regeitada sempre.

Aos presumíveis freguezes interessavam uns pentes de algibeira, que eram realmente bons e muito mais em conta do que nas lojas.

—•—

Os rapazes que tão francos foram nas bebidas, gastando sem contar em coisas que mais mal lhes faziam do que bem, começaram a regatear o preço, numa diferença de cinqüenta centavos.

O homem, pobresito, aflitíssimo, retorquia que lhe era impossível deixar os pentes por tal quantia, que ainda perdia, e pedia comovidamente que o ajudassem, porque tinha uma grande família a sustentar.

Os três amigos a nada se comoviam, queriam o objecto só com a diminuïção daquela quantia no dinheiro pedido.

Eu estava indignadíssima. Não podia admitir que se gastasse tanto dinheiro em bebidas e guloseimas, e se regateasse o pão àquêle desgraçado, cujos filhos esperavam, no desconfôrto, o seu regresso, para calar o estômago esfomeado.

Era um egoísmo bárbaro, que bradava aos céus, pensava eu.

Demais não era uma esmola, era uma troca leal.

Se eu pudesse tinha-lhe comprado logo a sua pobre mercadoria, mas se eu até precisava de recusar um bôlo ao meu próprio desejo, para não atrapalhar a vida, como havia de dispender êsse dinheiro, além de tudo o mais, em coisas de que não precisava?

O espectáculo, a princípio divertido e mesmo simpático, dos três companheiros tornou-se, com o acréscimo desta personagem de tragédia, insuportável para a minha sensibilidade.

—•—

Hesitei dolorosamente, muito tempo, às vezes em minutos vivem-se anos, entre a minha situação económica e o meu coração, e como sempre me acontece venceu êste.

Chamei o homenzinho à minha mesa e disse-lhe:

— «Venda êsses objectos àquêles senhores pelo preço que lhe oferecem, que eu dou-lhe o que falta».

Era uma ponte lançada no rio caudaloso da discussão. Todos se punham a salvo.

Fui incorrecta, tenho a certeza disso, mas valia a pena deixar que três felizes ficassem mal impressionados comigo, para que um rancho de crianças tivesse pão à ceia, talvez o único mantimento daquêle dia.

Essa satisfação era maior e mais sã, do que a opinião lisongeira que tivesse perdido.

Era um caso de consciência.

Qualquer outra pessoa de coração faria o qué eu fiz, em iguais circunstâncias.

Há casos em que os preconceitos devem ser letra morta, e êste era um dêsses casos que não admitia outra solução.

—•—

O pobre foi entregar os objectos, mas os rapazes que naturalmente ouviram a minha advertência pagaram, totalmente, a importância.

Afinal, eram três almas bôas, distraídas, que a um sinal meu voltaram à realidade.

E decerto me perdoaram a impertinência, porque viram que assim ajudaram um desgraçado a matar a fome a umas boquitas descoradas que estavam febrilmente à sua espera, enquanto êle calcurriava essas ruas debaixo de chuva, oferecendo a sua mercadoria raramente aceite, com a alma atribulada pela incerteza do seu dia de trabalho.

Como último recurso, para satisfazer os meus piedosos intentos, lembrei-me de cortar a dificuldade da diferença nas cifras exigidas de parte a parte.

Era um pouco forte, a minha ideia, mas estava tão penalizada pela angústia do vendedor, e tão indignada pela frieza calculista dos compradores, que me abalancei ao meu gesto atrevido.

Porque é trabalho — e trabalho árduo e ingrato — afrontar a indiferença dos felizes, que por comodidade muitas vezes não rebuscam na algibeira uns centavos para minorar uma desventura.

Trabalho — e trabalho bem amargurado de lágrimas como nenhum outro...

MERCEDES BLASCO

O Glorioso Marechal Duque de Saldanha

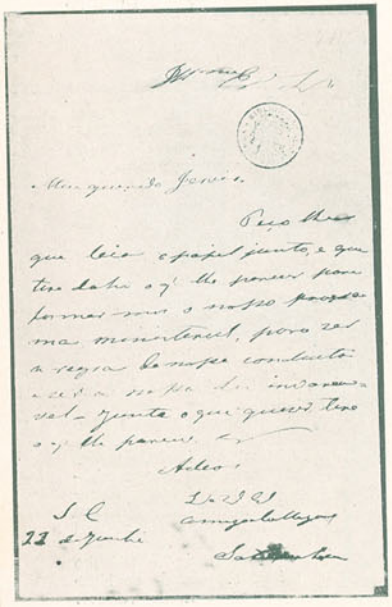
apreciado pelo ilustre prof. dr. Costa Lobo

É evocada mais uma vez a bravura dos nossos soldados

Marechal Duque de Saldanha

Acaba de aparecer um notável livro intitulado o Marechal Duque de Saldanha *em cujas páginas passa a figura gloriosa do intrépido cabo de guerra que foi um modêlo de heroismo, ciência e virtudes cívicas.*

Este importante trabalho é assinado pela autoridade do ilustre prof. dr. Costa Lobo, e isto bastaria para enaltecer o valor da obra.



Fac-simile duma curta endereçada pelo Duque de Saldanha a Jervis (Visconde de Atouguia)

Transcreveremos um trecho que, melhor que o nosso esfôrço, dará uma ideia dêste belo livro:

DEMITIDO, a seu pedido, do exército que ficava às ordens de Napoleão por despacho especial da regência, a 25 de Fevereiro de 1808, Saldanha não fica inactivo. Inscreve-se logo numa associação secreta destinada a libertar a pátria portuguesa do jugo estrangeiro, e quando a nação se organiza para a defesa, Saldanha, por decreto de 30 de Setembro de 1808, é restituído ao pôsto de capitão no regimento de Infantaria 1, encorporado na divisão do general Bernardim Freire de Andrade.

Reorganizado o exército português pelo marechal Beresford, o general Blunt apresenta Saldanha como o único oficial já preparado para comandar segundo a nova tática, e Beresford tendo-lhe reconhecido o valor que já tinha, promoveu-o por distinção a major em 2 de Dezembro de 1809, com 19 anos, e encorpora-o no seu regimento de Infantaria 1 dizendo, que quere nas fileiras o major mais distinto do reino. Saldanha era então Ajudante de Campo do brigadeiro Miranda Henriques.

Desde então os triunfos de Saldanha sucedem-se ininterruptamente. Seria preciso fazer a história completa da Guerra Peninsular para os enumerar. Limitar-me-ei a assinalar alguns mais notáveis.

Na célebre batalha do Buçaco, a 27 de Setembro de 1810, comandou um batalhão de granadeiros. Foi um dos que mais se distinguiu na defesa das posições ocupadas e que mereceu especial menção, sendo logo Saldanha condecorado com uma medalha de ouro. Em 7 e 19 de Janeiro de 1812 tomou parte nos memoráveis assaltos a Ciudad Rodrigo com o seu regimento que ficou fazendo parte da brigada Pack. A conduta do regimento n.º 1 de infantaria foi especialmente elogiada pelo Wellington. A 22 de Julho em Arapiles, na batalha de Salamanca, foi o regimento de Saldanha um dos primeiros a desalojar o inimigo das alturas que ocupava. E sempre com admirável sucesso, combateu no Carrião, a 25 de Outubro, na defesa da passagem do Thormes de 8 a 14 de Novembro, e no combate de S. Muñoz a 27.

Os feitos praticados por Saldanha tinham já atingido tal importância que em 5 de Fevereiro de 1812, tendo sòmente 21 anos e por especial recomendação do marechal Beresford, foi promovido a tenente-coronel.

A 21 de Junho de 1813 tomou parte na batalha de Vitória e em seguida na conquista de Tolosa, acção que comunicou em termos comoventes a seu irmão mais velho. Terminava por pedir a suas irmãs que não cessassem rogar a Deus que lhe concedesse voltar à Pátria e abraçá-las.

Nos sucessivos combates que se seguiram sempre se distinguiu o regimento n.º 1, que se notabilizou no assalto à praça de S. Sebastião, em 25 de Julho. A acção desenvolvida por Saldanha foi tal que o marechal Beresford o cumprimentou e lhe disse tê-lo escolhido entre os tenentes-coroneis para comandar o regimento de infantaria n.º 13, tendo à direita dezassete tenentes-coroneis.

Esta promoção provocou uma cena comovente. Os valentes soldados que até então tinha comandado, no momento da separação, rodearam-no com as lágrimas nos olhos. Saldanha tinha adquirido a mais elevada consideração dos seus superiores e o mais devotado carinho dos seus soldados e camaradas. Mas para mais completo aprêço dos sentimentos de Saldanha, transcreverei alguns períodos da carta, de 24 de Setembro de 1813, a propósito escreveu a seu irmão o conde de Rio Maior:

«No dia 21 tomei o comando d'este regimento (13) e fui recebido com as formalidades e cumprimentos do costume.

«Os meus sentimentos ao despedir-me e separar-me do meu bom e antigo regimento n.º 1 não podem descrever-se; mas para minha satisfação e por conseqüência para a sua, porque conheço a sua perfeita amizade, devo dizer-lhe que vi as lágrimas nos olhos a quási todos os oficiais, e os soldados não o sentiam menos. Oh meu querido mano! que excelente regimento aquele em todo o sentido! Deus queira que os novos oficiais superiores obtenham o verdadadeiro conhecimento dêle, e que o governem e dirijam com a amisade e delicadeza que merecem as diferentes corporações de que elle é composto. Em toda a guerra não tem havido um unico oficial preso por ordem de algum general! O brigadeiro Pack, tão activo e tão exacto, nunca achou ocasião para isso, e creio que é o único regimento do exercito em que ainda não houve um conselho de guerra a um oficial».

Ainda pertencendo ao seu querido regimento n.º 1, tomou Saldanha parte em sucessivos ataques na direcção de Baiona. Os generais Beresford e Hay repetidas vezes o felicitaram. Dos sentimentos modestos e religiosos de Saldanha pode avaliar-se pelos seguintes trechos da carta então escrita a seu irmão mais velho:

«O meu regimento perdeu entre mortos e feridos cento e vinte e nove. Graças ao Todo Poderoso que escapei de tôda esta trovoada que não foi pequena. Os meus cumprimentos a todos, e, como nesta carta digo alguma cousa a meu respeito, pela nossa amisade lhe peço que só a mostre ao visconde da Baía, porque o reputo outro irmão, como o conde de Rio Maior, não sei se conhece. Esquecia-me dizer-lhe, tornando-lhe a pedir que não mostre esta carta senão ao visconde, que o general Hay, que me não conhecia, perguntou quem eu era, e pediu ao Lugo que nos fizesse conhecidos, porque era meu amigo depois que tinha visto a minha conduta».

Comandante de um regimento estreava-se Saldanha na batalha de Nive, já em França, e de tal modo se houve que foi citado com elogio em ordem do dia do marechal Beresford. O príncipe regente de Inglaterra enviou-lhe uma medalha cunhada expressamente. Também o príncipe regente de Portugal demonstrou a Saldanha o aprêço em que tinha os seus distintos feitos.

Mas, o que ainda mais demonstra o prestígio que Saldanha havia alcançado, é o facto de logo em 1814, com 23 anos, ser incumbido do comando da décima brigada, composta de um batalhão de caçadores e dois regimentos de infantaria. Pouco depois, devido à doença do general Hill, comandava uma divisão!

Enfim, a 8 de Abril de 1814, com a partida de Napoleão para a ilha Elba, terminou esta memorável campanha, e Saldanha, coberto de loiros, espera a ocasião de outros colhêr, embora o seu carácter mais o dispuzesse para acarinhar do que para ferir.

E poderia tê-los dentro de breve prazo, porquanto tendo Napoleão voltado, depois de um curto exílio, a reassumir a sua posição, a luta internacional recomeçou e em breve deveria ter lugar o desenlace de Waterloo.

Para esta nova campanha solicitou o concurso de 20.000 portugueses, e o comandante do exército português anunciou a Saldanha que o seu regimento seria o primeiro a partir para a Bélgica e constituiria a vanguarda. A rapidez com que decorreram os acontecimentos não permitiu que se efectivasse a colaboração do exército português naquela memorável batalha, que decidiu por algum tempo dos destinos da Europa.

Após a batalha de Tolosa, Saldanha acompanhou o duque de Wellington a Paris. Tinha tomado parte em 34 combates, e era já uma notável glória de Portugal, da qual, como acabamos de referir, Wellington reclamava o concurso.

É oportuno citar, embora muito sumàriamente, algumas das muitas demonstrações de consideração prestadas em diversos lugares a Portugal e ao seu exército pelos chefes militares inglêses. O duque de Wellington, depois da batalha do Buçaco, declara:

«Nunca presenceou mais galharda conduta do que a que fora a da briosa defesa do alto da serra pelos intrépidos regimentos portugueses, a qual adquirira para o exército lusitano a estima, a confiança e a admiração dos seus companheiros do exército britânico, tendo observado factos que fariam honra ás tropas mais aguerridas.

«Depois da batalha de Ordaz a ordem do exército de Beresford, por determinação de Wellington, relata: — Os soldados portugueses aumentam tanto por êste meio (comportamento civil) como pela sua disciplina e valor a honra da sua pátria. A Europa verá e honrará as virtudes da nação portuguesa no seu exército».

Depois do admirável assalto à praça de S. Sebastião, de entre os hinos em honra do exército português destacarei sòmente êstes poucos períodos da ordem do dia de Beresford:

«Sua ex.cia o Marechal presenceou que a conducta das tropas portuguesas no assalto da brecha foi tal que se poderia esperar de quem se ofereceu voluntariamente para êle por altos estímulos de honra. Sua ex.cia não pode deixar de particularizar a conducta de todo o destacamento da primeira brigada de infanteria portuguesa que foi ao assalto. Foi admirada por todos».

Na sessão da Câmara dos Lords, de 4 de Novembro de 1813, o Conde de Liverpool disse:

«Não temos menor motivo de admiração para com o comportamento de um país confinante com a Espanha, embora seja muito mais pequeno em população. Deve-se muito ao espirito do povo de Portugal e notaveis qualidades dos portugueses. A sua presença e o seu valor têm sido experimentados não sòmente nas operações meramente defensivas, mas tambem nas ofensivas têm sido comprovados. Este sentimento de independência nacional que primeiro rompeu na Peninsula, foi que deu vida aos resultados que vemos agora e que admiramos».

Monumento à Fé, na Quinta do Saldanha, em Sintra

Também o general Massena nos fazia justiça. Dizia:

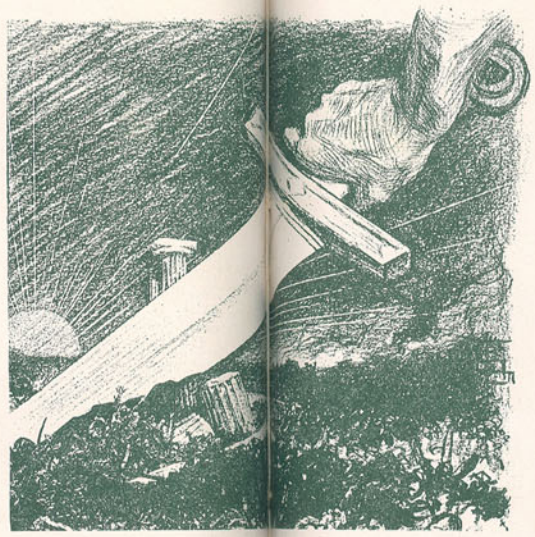
«O soldado português, inteligente, sôbrio, infatigavel, comandado por oficiais ingleses, e afeito á disciplina britânica, podia hombrear com os anglo-hanoverianos, e até excedê-los».

COSTA LOBO

LINHAS NO CÊRCO DO PORTO

REFERÊNCIAS:

ASPECTOS DA GUERRA



Em cima, à esquerda: Um ataque da infantaria francesa em frente de Sarrebruck.—Um campo de concentração destinado aos prisioneiros polacos. Mais uma vez a alma da Polónia sente a fatalidade a perseguí-la, e sempre confiada em dias melhores.—*Em baixo:* Uma pobre família polaca que ficou sem lar e sem haveres após a destruïção da cidade de Varsóvia

Em cima, à direita: Soldados de infantaria francesa avançando através da linha Maginot. — Habitantes de uma localidade polaca destruída pelos bombardeamentos utilizando-se de uma refeição que os vencedores mandaram servir-lhes.—*Em baixo:* Uma velha polaca, que ficou sem lar e sem família, come a amargurada sopa dada por esmola

Chopin

A HARMONIOSA ALMA POLACA

COMO FOI QUE SURGIU A DINASTIA DOS PIAST

Evolução da arte musical até aos tempos modernos

ERA uma vez um camponez polaco, natural de Kruswica, chamado Piast.

A' sua porta bateram, certo dia, dois estrangeiros. Estes foram muito bem recebidos, estando a casa em festa, por se aproximar o nascimento dum menino.

Cheios de reconhecimento pelas atenções de que foram alvo, os estrangeiros baptizaram a criança com o nome de Ziemowit.

A partir de então, rergogitaram de hidromel as caves do afortunado camponez e os celeiros encheram se de trigo.

Quem eram os dois estranhos personagens? Dois anjos — diz a tradição. Dois anjos ou os dois mártires S. João e S. Paulo.

A verdade é que vamos encontrar êsse camponez Piast no trono. É êle o primeiro rei polaco, de que fala a história.

Anteriormente, há um vácuo imenso que as lendas não conseguem preencher. Tempos nebulosos são envoltos nas lendas dos Vislanes — lendas ingénuas e infantis. Numa delas, se conta que foi Krako, fundador de Cracóvia, o famigerado herói que matou um dragão e construiu um castelo no monte Wawel. Noutra se diz que Wande, filha do mesmo Krako, recusou a mão do tentão Rytigier, e morreu lançando-se às águas geladas do Vistula.

Quási semelhantes são as lendas dos Polanes, como, por exemplo, a de Lech, que fundou, no século VI, a cidade de Guiesmo e tomou para emblema das armas uma águia branca. Ou ainda a lenda do último Popiel, que se casou com uma princesa alemã, e foi devorado pelos ratos no castelo de Kruszwica, com a mulher e os filhos. O que parece aludir à irradiação duma família ligada a estrangeiros e — politicamente falando — o voto nacional duma dinastia exclusivamente polaca.

Piast inicia uma dinastia. Sucede-lhe seu filho Ziemowit, e, de descendência em descendência, chegamos a Mieszko ou Mieczysles I, um monarca que marca na história do país e desenvolve uma intensa actividade política, quer casando com a princesa Dombrowka da Boémia, como sinal de auspiciosa aliança com êste país, afim de opôr resistência tenaz às manobras militares alemãs, quer abraçando o cristianismo com a destruição dos numerosos ídolos pagãos e com o pedido de baptismo a Roma.

Pois bem. É no reinado dêste mesmo rei Mieszko que uma nova idade irrompe para a vida da Polónia, passada aqueloutra idade tôda feita de lendas mais ou menos mirabolantes.

Estamos nos meados do século X.

Com a nacionalidade política nasce a Arte musical polaca, representada, nos seus primórdios, por cantos litúrgicos.

As mais velhas escolas de música foram estabelecidas nos conventos. E documentos antigos, mesmo muito antigos, apareceram, mas desacompanhados de música, que era cantada, provàvelmente, durante as festas de igreja e nos cantos «i theatris», entendendo-se por teatro não só os mistérios litúrgicos como também os diálogos profanos. Estes diálogos passavam-se entre personagens simbólicos (a Alegria, a Tristeza, a Sinceridade e a Razão), como num de que nos fala o cronista Kadlubek.

*

A' Polónia cabe um lugar de primacial grandeza na história da música, ao lado da Alemanha, da França e da Itália.

O «passado musical» da Polónia é incontestável, a partir do século XVI. E do desenvolvimento então atingido, pela aristocracia intelectual de Cracóvia, dá indicação segura o facto de ter sido feita uma edição das obras-primas de Arcadelt, Josquin, e outros mestres franco-flamengos, determinada pelo rei-artista Segismundo Augusto, tendo sido, nesse mesmo século, rei da Polónia, Henrique de Valois, antes de usufruir o título de Henrique III da França.

A história das danças populares constitui o reflexo preciso da interpenetração dêstes dois países: — a França e a Polónia, — mais tarde, no século XVIII, já em pleno «período métrico», período em que a dança se prende à música e se assiste a êste insolúvel problema: — «as danças da côrte vieram do campo, ou os camponezes quizeram dançar como na côrte?»

Delicada questão esta, conforme no-lo afirma Augusto Serreux nas palavras prefaciadoras do importante ensaio histórico «La Musique Polonaise», de Henry Opienski, publicado em 1918.

As danças polacas são dum apreciável valor rítmico, conquanto a sua linha metódica se ressinta da disciplina rígida determinada pela introdução da «medida da música».

E dá-se esta introdução da «medida na música» no último dos três grandes períodos cronológicos a que se segue Vincent d'Indy: 1.º, desde a mais remota antiguidade até aos meados do medievalismo, tendo como característica diferencial o canto (solos ou coros), ritmado, mas não monodia; 2.º, caracterisado pela emissão conjunta dada, pela vez primeira, de cantos diversos constituíndo um conjunto consonante e dialogante, e, por isso, chamado período da polifonia; 3.º, iniciado com a «medida» actual bem diferente das velhas simetrias rítmicas.

*

Chopin, fazendo navegar o seu incomensuravel génio nas apoucadas águas que a mazurka e a polaca lhe ofereciam, construiu a chamada «variação» — qualquer coisa de belo e emocionante, de subtil e maravilhoso, qualquer coisa caracterizadamente polaca. O caracter emotivo da gente polaca é desenhado com funda intuição nas linhas diatónicas.

Com a sua nova estética musical, Chopin influiu poderosamente na escola russa moderna de Scriabine. Em compensação, é de destacar tambem a notável acção que Tchaikowsky exerceu, durante algum tempo, sôbre os modernos compositores polacos. O século XX foi bem um século de influências mútuas.

Afora o caracter de emoção que domina a música polaca, ao tratar-se duma simples cançãozinha, dum erudito psalmo quinhentista ou da mais estilisada variação de Chopin, há a considerar um outro caracter importante: — o da originalidade dos motivos populares introduzidos por muitos compositores prestigiosos. Basta considerar a linha rítmica de todas as danças populares, como a «Krokowviak», a «majour» e vá lá o termo em francês — a «polonaise».

A música popular encerra motivos que remontam à época pagã, e Jachimecki no seu interessante trabalho sôbre o desenvolvimento da cultura musical na Polónia, constata muitas analogias entre as melodias pentatónicas dos cantos populares e certos fragmentos de canto gregoriano, isto é, fragmentos de música primitiva, concluindo que os cantos populares vão buscar a sua fonte às antigas moradias das cerimónias da igreja romana. E rezam as crónicas de velhas eras que a Polónia pagã solenizava com cantos as festas religiosas e laicas, como casamentos e entêrros.

A Oscar Kolbery, que foi colega de Chopin em Varsóvia, devemos uma valiosa colectânea de perto de 10.000 melodias populares. Henry Opienski refere-se-lhe, citando os cantos executados durante as cerimónias nupciais em diferentes pontos da Polónia, começando algumas pela prece: «Dieu commence; Dieu finit, Dieu commence. Dieu finit; il unit les cœurs qui s'aiment».

*

Será, talvez, devido às particulares condições políticas a que a Polónia esteve submetida durante século e meio, ignorada de todo o mundo e da humanidade inteira, que a música polaca ainda é pouco conhecida. Por isso, bem fez a sr.ª D. Ema Santos Fonseca, distinta musicista, incluido, há tempos, no número já avultado dos seus recitais, um dedicado à música vocal polaca, desde Chopin até aos contemporâneos.

Mas o valôr rítmico da Polónia vem de longe. Di-lo a segunda metade do século XVI. Dizem-no muitos e variados factos. A partir dessa época, até aos fins do século XVII, abre-se um largo período denominado «idade de oiro da música polaca». O rei Segismundo, o Velho, o seu filho Segismundo Augusto e, mais tarde, Ladislau IV, etc., foram actores de acentuado vulto na grande cena da vida musical do país, pelo intenso incremento que lhe deram.

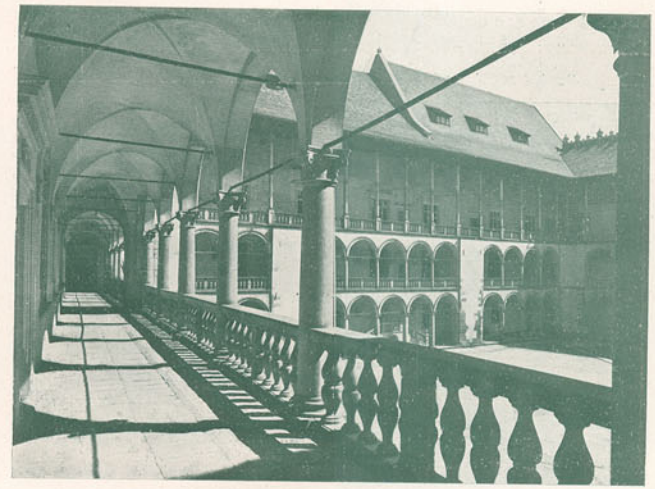
Vamos encontrar no século XVI a cidade de Cracóvia, então capital, transformada num centro de cultura. Assim, a Universidade cracoviana possuia uma cátedra de música e foi o rei Segismundo, o Velho quem criou a capela dos Rorantistes (constituída apenas por polacos), destinada à interpretação de composições nacionais e estrangeiras.

*

Há que dar um lugar de relêvo ao compositor Nicolas Gomolka, compositor verdadeiramente polaco, pelo seu muito amor pátrio. Pertence-lhe a música dos 150 salmos de Jean Kochanowski, obras primas da poesia polaca quinhentista. São salmos criados pela alma rude do povo, mas salmos que vivem, simultâneamente, da Poesia e da Música, duas musas de mútuo entendimento.

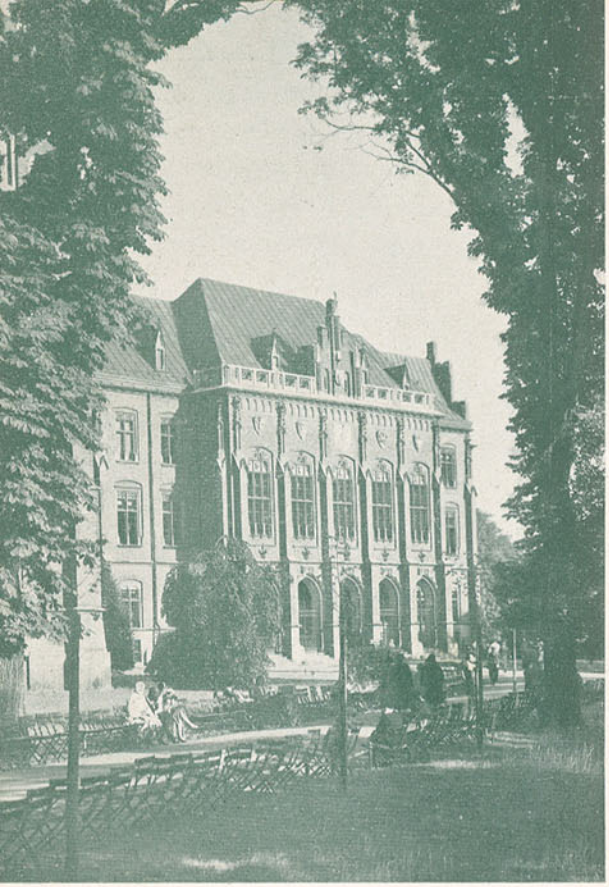
Nicolas Zielenski, produto das escolas italianas, tem um admirável motete para 5 vozes «In Monte Oliveti», que é uma preciosa indicação da sua técnica de

A biblioteca dos Jagellons fundada na cidade de Cracóvia em 1492



Claustro do paládio em Warvel

Uma noiva com o trajo regional



Edifício da Universidade de Cracóvia

contra-ponto. Data de 1611 o aparecimento da magnífica obra dêsse compositor — «Offertoria communiones tetius Ami» — e essa data é, antes de Chopin, a mais famosa data na história da música polaca, no dizer autorizado do professor Jachimecki.

Em Varsóvia, no decurso do reinado de Segismundo III, vamos encontrar dois compositores de fama: um, Martin Mielczewski, cujas obras ainda estão, em grande parte, inéditas, e o outro Barthelemy Penkiel, que, entre o muito que produziu, compôs o «Sanctus» duma missa a 8 vozes com orgão.

Ainda dentro das antigas escolas, as afamadas escolas «a capella» ou as escolas dos mestres palestrianos, podemos citar Gorczychi, dotado duma finalidade sacra.

*

Afastada a música coral e procurada a instrumental, assinalamos que no século XVI a lira era o instrumento essencialmente cultivado na Polónia. Dois nomes merecem destaque: — Backfark, que para a lira fez a transcrição duma série de Canções polacas profanas, e Dlugoray, cujas obras só viram a luz da publicidade no século imediato. As danças polacas, compostas então, tornavam-se notáveis e, tanto, que os alemães lhes chamavam «Gutt Polnisch dantz» (boa dança polaca).

Adam Jarzembski e Stanilas Sylvestre Szarzynski são dois importantes compositores de obras para instrumentos de sôpro e corda, obras essas nascidas da inspiração italiana, dos «cânones» de Biagio Marini, Gabrielli e outros. E os discípulos não sairam inferiores aos mestres, como prova a sonata para dois violinos e violoncelo, de Szarzynski.

Cêdo veio o compasso de espera na história da música, um compasso de espera entre os fins do século XVII e os fins do século seguinte. Um mudo parênteses de cem anos, até Stanislas — Augusto Ponialowski em cujo reinado a música retomou o seu curso.

E' em 1778 que aparece a primeira ópera polaca, pela mão de Kamienski. No movimento operista inscrevemos os nomes de Stéfani, Elsner, Kurpinski, etc. até Muniusko, compositor do século XIX, um nome de relêvo nas melodias e nas óperas. São dignos de particular menção, em Moniusko, ritmos das suas danças populares, cheias de beleza, de elegância e de graça — ritmos vivos e eloqüente, rescendendo a um lirismo encantador.

E muitos compositores de justificado renome sucederam a Moriusko, até ao inimitável Lucian Kamienski, autor duma deliciosa canção nupcial «Noces Kowianiennes», para solos e côro feminino, cujo tema «Kujawiak» foi aproveitado por Chopin na grande fantasia sôbre temas polacos. Trata-se dum canto pentatónico, cujas origens se perdem no paganismo. O «chmiel», ou canto nupcial, é entoado em toda a Polónia, e nele se faz alusão ao «houblon» (lúpulo), que é tido, entre os camponeses, como símbolo do acto himenal. Na tradução francesa de Marie Thereze Koernar, o côro, quando passa para 3/4, tem êstes versos ferverosos:

Fleurs enivrantes, oh joyeux houblon,
Les femmes chantent,
Quand vient ta saison.
Révele ton mystere
À filles et garçons.

E, a partir do tema «Kujawiak», continua o côro:

De la foir
Jeannot chevauche
Juste de Thoron (da da-na)
De la route
Le debauche belle Marion

E depois:

Da da-na, oh da da-na
etc.

o que nos sugere o «vá-de-roda» dos pitorescos bailados do povo português, conforme tive ocasião de verificar ao ouvir cantar essa linda canção nupcial.

Mas o «vá-de-roda» não é o único ponto de contacto entre a música de Portugal e a Polónia. Muitos mais apresenta a «folclore popular».

Êsse grande e nobre país que contou génios como Chopin e Muniusko e conta

Chopin

«virtuoses» como Rubinstein e Huberman, magos do violino, de Lisboa já conhecidos, irmana-se com Portugal no respeitante à dulcificada emoção das composições populares e a certos estados de alma.

A mágica palavra Saüdade, «gôsto amargo dos infelizes», no lírico dizer de Garrett, tem-na também a Polónia com «yar».

Emoção e saüdade são o sumo sentimental do espírito de todos os polacos, que vivem para a música com a mais santa das devoções, e o mais acrisolado amor, quer pertençam às classes humildes, quer estejam integrados nas esferas do mando, como Paderewski, que foi pianista e Presidente da República, compositor e homem de Estado.

ADOLFO FARIA DE CASTRO

Alegoria da persistência polaca

FIGURAS E FACTOS

Calinesco, Presidente do Conselho da Roménia, que foi vítima de um atentado urdido pela Guarda de Ferro. Este partido político atribuia a Calinesco a responsabilidade da morte de Codriano, seu chefe, e que foi abatido a tiro pelos guardas da prisão quando tentava evadir-se

O sr. dr. Barjona de Freitas, ministro de Portugal em Tanger, que acaba de ser eleito membro efectivo do Instituto de Coimbra

Anthony Eden, prestigioso estadista britânico, que a actual situação elevou ao cargo de Ministro dos Domínios da Grã-Bretanha

Duas mães é a magnífica peça de Ramada Curto transformada em livro, e que mais uma vez deliciará o espírito de todos aqueles que a foram aplaudir no palco, e que representam muitos milhares. Ler esta peça é revivê-la nas suas personagens já tão nossas amigas e conhecidas. E' matar saüdades

Mais um livro de Paulo Freire sôbre *Lisboa do meu tempo e do passado*, assunto trabalhoso a que tem dedicado grande soma de esfôrço. Desta vez, tratando *Do Rossio ao Poço do Borratem*, patenteia, como sempre, as suas poderosas faculdades de investigador e a sua prosa maleável e atraente

Gémeas é o título do novo romance do dr. Manuel de Campos Pereira, que marcou já o seu lugar nas letras. O público que tão bem acolheu o *Direito de Amar*, as *Almas sem rumo* e *As pobres Suzans*, mais uma vez fará justiça a êste escritor que lhe apresenta um novo e belo livro a deliciá-lo

O sr. general Tasso de Miranda, que presidiu à sessão solene de abertura de aulas no Instituto de Odivelas, cumprimentando uma das alunas premiadas. — *A' direita:* O sr. Ministro da Educação Nacional na sua visita à Exposição de desenhos de Domingos António de Sequeira inaugurada no Museu das Janelas Verdes

Uma execução na guilhotina

NÉVOAS DO PASSADO

A paixão e morte de Madame Du Barry

vítima inocente da Revolução Francesa

Em seguida, Chaveau Lagarde, o corajoso advogado que já, anteriormente, havia defendido Maria Antonieta, ergueu-se para fazer a defêsa da acusada Du Barry, bem como os Vandenyver considerados como seus cúmplices.

O vice-presidente Dumas — ùnicamente pró-forma — deixou os dois advogados falarem até ao fim. Depois, como então era costume, resumiu dos debates e apresentou os quesitos — quesitos êsses que, em vez de serem interrogações, eram afirmações.

E mais uma vez se enumeraram tôdas as acusações formuladas contra a cidadã Du Barry.

A cidadã Du Barry era acusada de ter conspirado contra a República; de ter auxiliado, fornecendo-lhe quantias fabulosas, os triunfos de armas, levados a cabo dentro do próprio território, pelos maiores inimigos da França; de ter em Londres posto luto pelo Capeto; de ter convivido intimamente com Pitt de quem possuía a efígie cunhada numa medalha de prata; de ter feito enterrar em Louveciennes os pergaminhos de certo emigrado, assim como os bustos de alguns príncipes e reis; enfim, de ter dissipado o Tesouro devido às despêsas loucas que tinha feito no tempo de Luiz XV.

Os jurados retiraram-se em seguida, a-fim-de dar à assistência a impressão de que iam proceder aos debates.

Retiraram-se ùnicamente pró-forma, pois jàmais entre os jurados do Tribunal Revolucionário se procedia a debates. Todo o suspeito, ou tôda a suspeita, que dava entrada na Conciérgerie já estava de ante-mão condenado à morte.

De resto, quem eram êsses jurados? Terroristas dos mais ferozes, que haviam sido propositamente escolhidos pela Convenção, a-fim-de procederem com tôda a diligência. Em suma, como muito bem disse o escritor inglês Noël Williams, verdadeiros agentes de expedição.

Era o marceneiro Trinchard, casado com uma dessas infames megéras que passaram à História com o nome de «Fúrias da Guilhotina», que por nada no Mundo privaria a sua digna consorte do gôsto de assistir a uma execução. Pelo contrário, empregava os maiores esforços para lhe proporcionar todos os dias um, ou mais, dêsses espectáculos. Era o pintor Prieur, que costumava entreter-se durante as audiências a desenhar as cabeças dos réus separadas dos troncos e gotejando sangue, enfim, como se uma vez ceifadas pela guilhotina, já estivessem caídas no chamado cêsto dos ovos vermelhos e que a todo o momento declarava com o maior cinismo: «Não nos interessa saber se os antigos nobres estão culpados ou estão inocentes; o que sabemos é que êsses senhores não são bons rèpublicanos; por conseguinte, temos que nos desembaraçar dêles e a melhor maneira de o fazer é declará-los culpados e mandá-los executar». Era ainda Villate um *defroqué* que tinha o costume, de em plena audiência, puxar pelo relógio e interpelar o presidente Dumas dizendo-lhe que mandasse ler a sentença, pois eram horas de jantar e estava com fome. «Não vejo — dizia êle alto e a bom som — para que são precisas tantas formalidades e tantas delongas. Durante uma revolução é sabido que todos aquêles que comparecem perante o tribunal têm que ser fatalmente condenados à morte».

E à semelhança dêstes três miseráveis eram todos o outros jurados. Mercier Lambat, Kléspis Sambat e Lebrun eram nas mãos de Fouquier Tinville, o *pourvoyeur du bourreau,* o mesmo que o machado é machado é nas mãos do rachador.

Depois de haverem permanecido uma hora e um quarto ausentes os membros do júri, voltaram à sala de audiência e fizeram as suas declarações. Os quesitos apresentados tiveram resposta afirmativa, tendo Fouquier Tinville pedido a aplicação da lei.

Trouxeram novamente os acusados para ouvirem ler a sentença. Eram quási onze horas da noite.

«Chegou ao conhecimento do Tribunal que houve quem urdisse tramas e mantivesse comunicações com os inimigos do Estado, ou com os seus agentes, a-fim-de os incitar a romper hostilidades, indicando-lhes e facilitando-lhes os meios de levar a cabo tais desígnios, e fazendo, inclusivamente, sob diferentes pretextos, várias viagens ao estrangeiro, para combinar com êsses ditos inimigos êsses planos e lhes entregar, a êles ou aos seus agentes, empréstimos de dinheiro.

«Está provado que Joana Vaubernier, casada com du Barry, é uma das autoras ou uma das cúmplices dêsses tramas e dessas comunicações...».

Fouquier Tinville toma de novo a palavra com o costumado calor, insiste por que a lei seja aplicada com todo o seu rigôr.

Prossegue a leitura da sentença.

«Condena a dita Joana Vaubernier casada com du Barry, os ditos João Baptista Vandenyver, Edme João Baptista Vandenyver e Antonio Angostinho Vandenyver à pena de morte em conformidade com o artigo 1.º da primeira secção do Título 1.º da 2.ª parte do Código Penal, que é concebido nestes termos:

«Todo aquêle que tenha urdido tramas ou mantido comunicações com as potências estrangeiras ou com os seus agentes a-fim-de os incitar a romper hostilidades ou para lhes fornecer indicações sôbre o modo de invadir a França será punido com a morte, quer êsses tramas e essas comunicações tenham sido ou não seguidos de hostilidades».

«Declara que os bens da dita mulher du Barry e dos ditos João Baptista Vandenyver, Edme João Baptista Vandenyver e Antonio Agostinho Vandenyver são confiscados a favor da Rèpública em conformidade com o artigo 2.º do Título II da lei de 10 de Março de 1793 que é concebida nestes termos:

«Os bens de todos aquêles que fôrem condenados à morte reverterão a favor da Rèpública que tomará a seu cargo a subsistência das viúvas e dos órfãos se êles não possuírem outros meios de sustento».

As últimas palavras da sentença ecoaram na sala da audiência como um dobre de finados.

Os banqueiros Vandenyver, embora pálidos, permaneceram impassiveis. Já o mesmo não sucedeu com a condessa du Barry que imóvel na sua cadeira, lívida e com as pupilas dilatadas, parecia a viva imagem do terror. A pobre mulher não desviava a vista do banco das testemunhas onde Salanave — Solanave para com quem ela, como de resto para com todos os seus servos, se mostrára sempre tão afável e tão generosa — e Zamora — Zamora que ela recolhera educara e estimara como filho — sentados ao lado de Greixe esfregavam as mãos, radiantes de alegria.

A infeliz não pôde suportar impávida semelhante exemplo da mais negra ingratidão. Soltou um débil grito, e caíu inanimada.

Os gendarmes encarregados de reconduzir os condenados aos seus cárceres tiveram que levanta-la. Depois, agarraram-na por debaixo dos braços e assim, quási de rastos a levaram através dos corredores silenciosos. Abriram a porta do cárcere e atiraram-na brutalmente para cima do miserável leito onde a rainha Maria Antonieta dormira a sua última noite.

E, no dia seguinte, a porta do cárcere abriu-se, como se tinha aberto meses antes para a rainha de França, e o carrasco veio reclamar a sua vítima.

Levaram-na para a divisão onde se procedia a fúnebre *toilette*.

Foi então que, depois de lhe haverem cortado o cabelo e feito envergar o fato branco das condenadas, que se desenrolou a cêna, ou por outra, a comédia infame que só por si bastaria para lançar sôbre o Tribunal Revolucionário a mancha indelével da deshonra.

Ainda hoje estão por esclarecer certos pontos obscuros dessa cêna. Sabe-se apenas que no próprio dia 18 marcado para a execução, já depois de Samsão, o carrasco de Paris, haver terminado a última *toilette* das vítimas, Francisco Denisot, Juiz do Tribunal Revolucionário, Claudio Roger, promotor substituto e o escrevente Tavernier foram a Conciergerie, e, na presença de Dangé, administrador da polícia, fizeram comparecer a a condenada.

Foi a condessa du Barry, que aconselhada pelo seu advogado, escreveu ao presidente do Tribunal, dizendo-lhe que tinha importantes declarações a fazer, ou foram êles que, por sua própria iniciativa, a vieram procurar? Esta última hipótese parece-nos a mais aceitável. O que é certo e que, mediante a promessa de que teria a vida salva e que a deixariam retirar-se para a Inglaterra, Joana du Barry, consentiu em revelar os esconderijos secretos onde se encontravam as suas riquezas.

E, durante três horas, com uma precisão e lucidez de espírito verdadeiramente extraordinárias, ela fez o inventário dos seus tesouros. Da sua boca, durante essas três horas, não caíram só pérolas como da boca da princesa dos velhos contos de fadas, mas diamantes, esmeraldas, rubis e montões de ouro...

Sempre ingénua, sempre crédula, sempre infantil, a condessa nem um instante duvidou da palavra dos membros da Convenção.

Só quatro horas depois, quando, ao cair da noite, a fizeram subir, juntamente com os banqueiros Vandenyver e o convencional Noel dos Voges, com as mãos atadas atrás das costas, para a carrêta fatal — o chamado esquife dos vivos — é que ela compreendeu o lôgro em que caira.

Por momentos ainda se julgou vítima dum engano. Daí os seus gritos, os soluços, as suas lagrimas.

Desvairada com tamanha infâmia e traição, ela, que tão grande coragem e abnegação mostrára ao permanecer dia e noite junto do leito (do qual todos se afastavam) onde Luiz XV contaminado pela varíola agonizava, não soube, nesses derradeiros e supremos instantes, dominar os seus frágeis nervos de mulher.

Parece-me estar a vêr a praça da Revolução... a condessa du Barry, descendo meia desfalecida da carrêta... e Samsão, o carrasco de Paris...

Parece-me que vejo e que oiço. Oiço o grito horrivel daquela que não queria morrer...

«Nem o sol nem a morte podem ser olhados fixamente» — disse um dia certo escritor genial.

Eu não vou tão longe. Para mim, que sou crente, a Morte é o princípio da Vida. Mas compreendo a reacção, por vezes puramente fisíca, que certas criaturas experimentam ao verem-se prestes a serem precipitadas no Além.

A posteridade arrastada pelos livros de certos escritores, recorda apenas o seu último grito e esquece, ou desconhece, as últimas palavras que ela, já no cadafalso, pronunciou.

«Eu nunca fiz mal a ninguém!

Que essas palavras, isentas do mais leve toque de exagêro, lhe sirvam de defêsa perante a História e a Posteridade!

EUNICE PAULA

Madame Du Barry e o preto Zamora que ela educou e depois a traiu

A última manhã de Maria Antonieta

Madame Du Barry — retrato por Cosway

A caminho do suplício

Um velho amigo da família entra na sala onde a menina da casa — uns dezóito anos ultra-cinéfilos — está engolfada na leitura dum romance ultra-livre. O velho amigo aproxima-se e lê o título do livro:

— Que vejo!? — exclama. — Então as meninas já lêem romances dêsses, com passagens tão escabrosas?!

— Oh! não faz mal! Eu passo-as adiante...

•

Um estrangeiro: — Nesta terra também é preciso pedir receita ao médico para depois comprar licôr?

Um natural: — Não senhor, a receita do médico é para depois de beber o licôr!

•

— V. Ex.ª pode crer que se trata de uma ocasião maravilhosa! Vendo-lhe êste riquíssimo guarda-fato, com porta de espêlho, pela metade do preço do catálogo!...

— Sim?... E quanto custa o catálogo?

•

Mabel: — O senhor Giggs, o conhecido negociante, ofereceu-me a sua mão e a sua fortuna, mas eu recusei!

Madge: — E porque?

Mabel: — Porque a primeira era grande demais e a segunda demasiado pequena...

•

O médico: — Sinto muito, minha senhora, mas não posso curar seu esposo do defeito de falar quando dorme...

A esposa: — E não podia fazer com que êle falasse mais explicado?...

•

Está tôda a família à mesa.

A mamã: — Lulu, vai fechar a porta! Estamos numa corrente de ar!

Lulu: — (seis anos): Não, mamã:

A mamã: (zangada): Lulu... faz o que te mando! — Depressa, senão levas dois açoites!

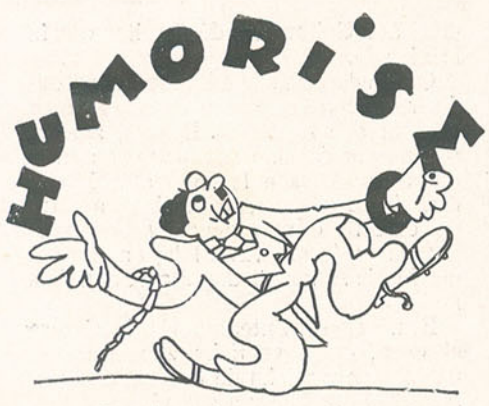
Lulu: — Não quero ir fechar a porta!

A mamã: — (tentando enternecer o menino): — Vês?... Tu assim não és bonito. A mamã vai apanhar uma doença por tua causa!... Se tu me dissesses:

Profecia de Inquisidor

Felipe II — *Receio que depois da minha morte se acabe a Inquisição...*

Inquisidor-mór — *Não há perigo, Majestade. Daqui a muitos anos há de aparecer o flagelo das telefonias mil vezes mais horroroso que todas as Inquisições juntas.*



«Mamã, tenho frio nas costas porque estou numa corrente de ar», eu levantava-me logo e ia fechar a porta!

Lulu: — Mamã, tenho frio nas costas porque estou numa corrente de ar!

•

Depois do concêrto.

A cantora: — Então, que me dizes ao concêrto de ontem à noite? Foi bom, não te parece? Como achastes a minha voz? Encheu a sala?...

A amiga sincera: — Sim; ao princípio, mas depois...

— Depois, quê?

— Depois, despejou-a.

•

— Eu... sou poeta¡

— Poeta?... — disse o prócer —... E o que fazem os poetas?

Então, readquirida a sua serenidade, que um instante perdera, o artista respondeu com altivez:

— Os poetas fazem tudo o que fazem os outros homens... e além disso fazem versos!

•

— Porque razão aposta o meu amigo que o juri não chegará a uma decisão unanime e haverá grave desacôrdo?

— Porque minha mulher pertence ao juri...

•

Certa senhora de sociedade anunciou nas tubas do rèclamo que escreve um drama e querendo que lho levassem à cêna, foi lê-lo a um empresário, que era homem de mordente espírito. Lido o primeiro e péssimo acto, o director disse, melifluamente:

— Acho um defeito no trabalho de V. Ex.ª. O título que pôs à peça foi «A linha do destino»... Pois eu acho melhor que V. Ex.ª se dedique ao estudo de «O destino da linha»!...

•

Certo actor de talento que os azares da profissão obrigou a trabalhar pelas províncias com uma companhia de terceira ordem, representava certa noite para uma sala onde os espectadores se contavam pelos dedos. Em certa passagem do drama, o seu interlocutor tinha que dizer-lhe um àparte, com grande recato e o nosso homem, serenamente, preveniu-o:

— Podes falar mais alto que estamos sós.

•

Um matrimónio artístico viajava para a Brasil. Como era costume de ambos, começaram, dentro do beliche, a discutir. Como a mulher gritasse muito, a fôrça do hábito, fez com que o marido gritasse:

— Cala-te, mulher, que ainda nos põem no meio da rua!...

•

Numa exposição de pintura, o médico Cerveira revela-se um paisagista de certo mérito. Certa senhora, preguntou lhe ingénuamente:

— Doutor, porque pinta?

— Para matar o tempo? — respondeu o médico.

— Então não tem doentes? — disse a senhora com candura...

•

Um cavalheiro da cidade, passeando no campo perde-se e não encontra o caminho. No meio dum prado, vê, com regozijo, aproximar-se uma nova personagem.

— O senhor faz-me o obséquio de me indicar o caminho para a estrada?

— Perdão, meu caro senhor... Tem aí, por acaso, um lápis?

— Um lápis? Não. Mas tenho uma caneta de tinta permanente.

— Muito bem. Terá a amabilidade de emprestar-ma?

— Com todo o gôsto.

— É muito amável e agradeço, penhorado. Eu sou o guarda desta propriedade e quero passar-lhe um boletim de multa, porque é expressamente proïbido andar por êste campo.

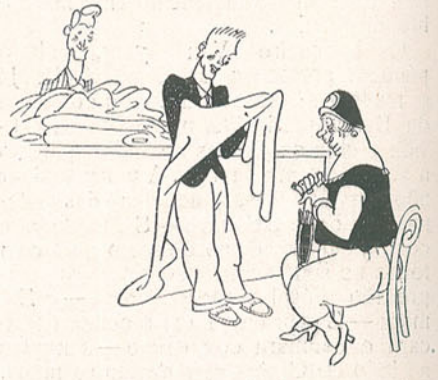
•

Dizem, por tôda a parte, que vais casar-te. Os meus parabéns. Mas, em primeiro lugar, é verdade?

— Absolutamente verdadeiro.

— E o teu noivo sabe a tua idade?

— Sim... em parte.



O caixeiro — *Parece-me que esta côr, para uma senhora que já não é muito nova, será o mais indicado...*

A freguesa — *Perdão, meu amigo — mas a fazenda é mesmo para mim!...*

VIDA ELEGANTE

Festa de caridade

CHÁ DANÇANTE

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Branca de Sommer de Andrade, condessa de Monte Real, condessa de Murça, condessa Vil'Alva, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Fernanda de Almeida d'Orey da Cunha, D. Josefina de Arbués Moreira, D. Manuela de Almeida d'Orey Roquete, D. Maria de Assis Posser de Andrade e D. Maria Cândida Lupi dos Santos Jorge, realizou-se na tarde de sábado 30 de Setembro, último, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, um chá dançante de caridade, cujo produto se destinava a favor do fundo do Segundo Terço (Estoris), do 10.º Batalhão da Legião Portuguesa, Cascais.

Durante os intervalos da dança, que foi abrilhantada pela exímia orquestra «jazz-band» Almeida Cruz, privativa do Casino Estoril, exibiram-se os números de variedades portuguesas a brilhante sambista Maria Luiza e o notável Quarteto Vocal Folclórico Português amavelmente cedidos pela empresa do teatro Variedades, do Parque Mayer, números que obtiveram um grande êxito, sôbretudo o último, não regateando a selecta assistência aplausos.

Entre a assistência que enchia por completo o vasto salão do restaurante do Casino Estoril, nessa tarde, recorda-nos ter visto em redor das pequenas mesas, além de grande número de famílias estrangeiras, as seguintes senhoras da nossa primeira sociedade:

Condessa de Monte Real, Viscondessa de Alverca, Baronesa de Canoro, D. Esmeralda Linhares de Lima, D. Clementina da Silva Carvalho Santos e filha, D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey, D. Cristina Resende da Silva, D. Felismina de Sousa d'Eiró, D. Margarida Corrêa de Sampaio de Seabra e filha, D. Teresa Iglezias Scarnichia, D. Josefina Arbués Moreira, D. Maria Candida Lupi Santos Jorge, D. Rita de Somer Pereira, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum, D. Elisa Talone Ferreira, D. Alice de Sousa e Melo e filha, D. Ilda Xavier de Brito Barata, D. Berta Marques da Costa Lupi, D. Maria de Franca de Melo Osorio, D. Felismina Canas Cardim, D. Tomazia Canas Ereira. D. Laura Canas de Aguiar, D. Felicia Gonçalves Vilar, senhora do engenheiro Costa, D. Irene Caro de Sousa, D. Maria Luiza de Magalhães Coutinho da Camara, D. Maria Virginia Vieira da Silva, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Maria Helena Belmar da Costa Morais, D. Laura de Morais de Carvalho, D. Eugenia e D. Raquel da Costa Cardoso, D. Branca da Silveira e Silva, D. Maria Manuela d'Orey Roquete, D. Maria Fernanda d'Orey da Cunha, D. Isaura de Castro de Araujo de Santana, D. Julia Vilar Costa, D. Adelina Diniz de Almeida, D. Berta Belmar da Costa, D. Emilia Pancada e irmã, D. Maria Luiza Guedes Pinto Machado, D. Maria Teresa de Noronha (Partay), D. Maria Patrocínio Vilar, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Florinda Ruth Baptista dos Santos Moura, etc.

A comissão organizadora desta elegante festa de caridade, deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

Casamentos

Presidido por sua Eminencia o Cardial Patriarca, sr. D. Manoel Gonçalves Cerejeira que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se, na capela particular do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Martires da Pátria, com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Margarida Viñas Fierro, gentil filha da sr.ª D. Florentina Viñas y Campas e do sr. Ildefonso Gonzalez Fierro y Ordencas, com o engenheiro sr. Basilio Freire Caeiro da Mata, filho da sr.ª D. Maria da Glória da Cunha Magalhães Freire Caeiro da Mata, já falecida, e do sr. dr. Caeiro da Mata, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, actual reitor da Universidade de Lisboa, tendo servido de madrinha a mãe da noiva e de padrinho o pai do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia, foi servido, na residencia do pai do noivo, um finissimo lanche. Os noivos, a quem fôram oferecidas valiosas prendas, partiram para o norte do país, onde fôram passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Carlota Cordeiro Feio de Nororonha, espôsa do sr. D. António da Câmara de Noronha (Paraty), foi pedida em casamento para seu filho D. João, a sr.ª D. Maria Madalena de Abreu Simões Alves, gentil filha da sr.ª D. Josefina de Abreu Simões Alves, e do ilustre clínico sr. dr. João Carlos Simões Alves.

A cerimónia realizar-se-á por todo o próximo mês de Dezembro.

— Celebrou-se na capela da elegante residência das tias da noiva, o casamento da sr.ª D. Maria Leonor de Saldanda Bandeira de Carvalho (Chanceleiros), com o sr. dr. Eugénio de Andréa da Cunha e Freitas.

Foram madrinhas a mãi e a avó da noiva e padrinhos o pai e o irmão do noivo.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia, foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho Alexandre, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria do Sacramento Sá Carneiro Ferreira Braga, espôsa do sr. dr. Alexandre de Castro Ferreira Braga, a sr.ª D. Maria de Lourdes de Melo Vaz de Sampaio de Pina Manique, gentil filha da sr.ª D. Mécia de Melo Vaz de Sampaio de Pina Manique e do sr. Rafael de Pina Manique, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Em Setembro findo realizou-se, na vila de Marvão, o casamento da sr.ª D. Maria Celeste Pacífico dos Reis, professora oficial, gentil filha da sr.ª D. Cristina Celeste Pacífico dos Reis e do sr. Cesar Diniz Bastos dos Reis, com o sr. José Maria Pereira de Mendonça, proprietário e vinicultor na vila de Borba, filho da sr.ª D. Joana da Conceição Bravo Pereira de Mendonça e do sr. António Félix Pereira de Mendonça, já falecido

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios, a sr.ª D. Maria da Conceição Henriques Bastos dos Reis e seu esposo o sr. capitão Artur Gerardo Bastos dos Reis, e por parte do noivo, seus irmãos, D. Joana Felisbela Pereira de Mendonça e o sr. Idevor Pereira de Mendonça.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Celebrou-se na paroquial de Santa Engrácia, o casamento da sr.ª D. Amélia Correia Valente, gentil filha da sr.ª D. Líbia Correia Valente, e do oficial da armada sr. José Correia, com o distinto professor sr. Carlos Calado, funcionário superior do Ministério do Interior.

Foram madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Ermelinda Linhares de Lima, e de padrinhos o pai da noiva e o coronel sr. Linhares de Lima, antigo Ministro do Interior. Presidiu ao acto o reverendo José dos Anjos Borges, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Ana Augusta Xavier Henriques de Sanches Oósrio, viuva do major sr. José Francisco de Carvalho Sanches Osório, para seu filho Eduardo, sub-chefe da Fiscalização do Trabalho, a sr.ª D. Judite Gomes dos Santos Fernandes, interessante filha da sr.ª D. Josefina Lídia Gomes dos Santos Fernandes e do capitão de infantaria sr. Augusto da Silva Fernandes.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o próximo mês de Dezembro.

— Na paroquial de S. Pedro, em Alcântara, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Mary Guitana Lewes, gentil filha da sr.ª D. Maria José Simas Guitana Lewes, e do sr. Roderick Muller Lewes, com o distinto engenheiro agrónomo sr. Américo Augusto Fragata Júnior, filho da sr.ª D. Rita Ferreira Pinto Fragata e do sr. Américo Augusto Fragata, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e as sr.as D. Henny Perry Vidal Lewes Cordeiro, prima da noiva e D. Maria Manuela de Almeida Lewes, cunhada da noiva, e de padrinhos o pai da noiva e os srs. dr. Júlio de Vasconcelos Cordeiro, primo da noiva e Morris Lewes, irmão da Noiva.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, seguiram para Angola, onde foram fixar residência.

— Em Pinhel, celebrou-se na igreja de S. Luís, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Marques, com o sr. Ilídio da Silva Marta, servindo de madrinhas as sr.as D. Emília Destêrro de Almeida David, e D. Berta Metelo de Nápoles e Lemos de Seixas, e de padrinhos os srs. dr. Artur Metelo de Nápoles e Lemos de Seixas e dr. Armando Madeira. Presidiu ao acto o reverendo José Augusto de Matos, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia durante a qual o Grupo Coral de Santa Cecília, se fez ouvir em vários cânticos religiosos, foi servido na elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial de Carnaxide, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Eliza de Jesus Vicente, gentil filha da sr.ª D. Amélia de Jesus, já falecida, e do sr. João José Vicente, com o sr. António Leonardo Anjos, filho da sr.ª D. Maria dos Anjos e do sr. Francisco Leonardo, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Fernanda Vicente de Carvalho e Celeste Gil Atias, e de padrinhos os srs. Humberto Parga Ramos. Presidiu ao acto o reverendo António Duarte Patuleia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial de S. Mamede, o casamento da sr.ª D. Emília Ribeiro de Andrade Pissarra, com o sr. João Eduardo Duarte, servindo de padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Regina Waddington e o sr. Manuel Colaço e por parte do noivo a sr.ª D. Maria Pissarra e o capitão sr. Pissarra.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Luísa Maria de Guimarães Biel do Amaral Pyrrait, esposa do sr. dr. António Maria do Amaral Pyrrait. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Maria Helena Veigas de Oliveira Langhams, esposa do sr. Langhans, teve na Casa de Saude de Bemfica, o seu bom sucesso. Mãi e filha estão de perfeita saude.

— No Porto, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria da Conceição Leite Alves, esposa do sr. Alcino Pereira Alves. Mãi e filho encontram-se de saude.

— A sr.ª D. Maria Clara de Saldanda da Gama de Miranda e Vasconcelos Pais, esposa do distinto engenheiro sr. Irineu Moreira Pais, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho, encontram-se felizmente bem.

— Teve no Porto, o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Regina Serpa Pinto Spratley da Silva, esposa do sr. Augusto de Freitas Spratley Pinto da Silva. Mãi e filha estão de perfeita saude.

Baptizados

Presidido pelo prior da freguesia, celebrou-se na paroquial da Silveira, povoação próxima da praia de Santa Cruz, o baptizado do menino José Manuel, gentil filhinho da sr.ª D. Maria Helena de Carvalho Borges de Castro, e do sr. José Seguro Borges de Castro, tendo servido de madrinha sua bisavó a sr.ª D. Elvira Seguro Borges de Castro, que se fez representar por seu neto o sr. Luís Eduardo Braga Borges de Castro, e de padrinho seu tio avô o sr. Manuel Marques Sobrinho.

D. NUNO.

O possante atleta finlandês Vetrila foi na temporada finda o melhor lançador do martelo na Europa, destronando os famosos especialistas alemães

A QUINZENA DESPORTIVA

A competição de futebol, que serviu em Lisboa para inaugurar a temporada, teve desfecho extraordinário e que se presta a algumas considerações interessantes.

Como é sabido, Sporting, Belenenses e Benfica, os disputantes do Torneio de Preparação, entre-bateram-se de maneira a chegarem ao fim da prova empatados em pontos e em diferenças entre as bolas marcadas e sofridas. Embora pouco vulgar esta situação seria para considerar natural se os três clubes houvessem demonstrado equilíbrio de forças nas lutas que sustentaram entre si; mas o que torna a solução final verdadeiramente curiosa é o facto de cada um haver alcançado sua vitória pela diferença nítida de três bolas: o Sporting sôbre o Benfica, êste sôbre o Belenenses, o qual por sua vez derrotou os «leões».

A única conclusão crítica que pode tirar-se dêstes acontecimentos é pouco lisonjeiro para o valor dos nossos melhores grupos, que demonstram de maneira tão flagrante a pouca consistência e a irregularidade da sua forma que não pode merecer a mínima confiança. Parece que os grupos lisboetas de futebol jogam bem ou mal por mero acaso e em sessões alternadas.

Esperemos que o campeonato de Lisboa, iniciado há uma semana, venha desfazer esta impressão, na qual talvez tenha influído em grande parte a consequência do treino ainda insuficiente dos jogadores.

Oxalá assim seja, para que possamos ver realizado sem receio de fracasso para o nosso crédito desportivo, o interessantíssimo projecto, apresentado em «Os Sports» pelo distinto jornalista Ribeiro dos Reis, da organização em 1940 do Torneio Ibérico, reservado aos quatro clubes melhor classificado nos campeonatos nacionais de Espanha e de Portugal.

Esta competição, semelhante no significado ao campeonato da Europa Central que durante tantos anos, antes das anexações germânicas, disputaram os dois melhores clubes da Austria, Checo-Eslováquia, Hungria e Itália, proporcionaria à actividade do futebol português um novo e importante objectivo, bem necessário para estimular o seu progresso e desenvolver o interêsse do público que tem já manifestado sintomas de fastídio pela continuada repetição dos mesmos encontros que lhe é fornecida pelas diversas provas oficiais de caracter nacional.

Esperemos que a ideia de Ribeiro dos Reis encontre, da parte dos organismos dirigentes do desporto da bola em ambos os países, o patrocínio de que é digna, assegurando à época que começa, e às que se lhe sigam, um caracter internacional que as dificuldades da guerra tornam impossível com o recurso de representações de além-Pirinéus.

★

Pela segunda vez nos tempos modernos a realização dos Jogos Olímpicos se acha impedida por uma grande conflagração entre países europeus.

Em 1916 os jogos foram anulados, e Berlim teve de esperar vinte anos para receber a mocidade atlética do mundo; neste momento, parece irremediàvelmente comprometida a esperança finlandesa de organizar em 1940 os 12.os jogos contemporâneos.

Para os chefes do desportivo país báltico o golpe deve ser rude, e injusto o destino para os seus esforços entusiásticos; a Finlândia preparava-se afanosamente para garantir o êxito dos jogos, provando como era viável a sua organização por um pequeno país e quebrando assim a tradição das últimas, para não dizer de quási tôdas as Olimpíadas.

Em Helsinki está quási concluida a edificação do estádio ende deviam celebrar-se as provas; tôda a cidade se preparava para albergar dentro de dez meses os forasteiros vindos de tôda a parte e os poderes oficiais interessando-se directamente pela solução de todos os problemas não haviam também descurado o incentivo à preparação dos futuros representantes da nação nas diversas modalidades do programa.

O atletismo, sem dúvida o desporto no qual os finlandeses se podem orgulhar de mais gloriosas tradições, trouxe-lhes êste ano a garantia de que os novos valores se equiparavam aos campeões famosos de outras eras; Kolehmainem e Nurmi têm dignos sucessores e as suas proezas, pareceram insuperáveis, ofuscam-se agora ante os resultados dum homem como Maki que consegue percorrer os dez quilómetros em menos de meia hora e a légua em pouco mais de catorze minutos.

Na lista dos melhores resultados europeus da temporada finda, os finlandezes ocupam os três primeiros lugares nos 5.000 e 10.000 metros e no lançamento do dardo, provas que são de há longa data seu apanágio, mas conseguiram mais creditar-se das melhores marcas no salto em altura, no triplo-salto e no lançamento do martelo, o que prova o considerável esfôrço de preparação que haviam desenvolvido com vista aos jogos do ano próximo, onde contavam conquistar, em atletismo, luta e gimnástica, dez medalhas de ouro.

Pode parecer extranho que um país com menos de quatro milhões de habitantes ocupe na jerarquia desportiva lugar tão em realce; o facto pode atribuïr-se à vida essencialmente natural do povo finlandez, mas para êle contribui também com certeza a mentalidade juvenil dos chefes da nação, pertencentes a uma geração já desportista e muitos dos quais deixaram assinalada vigorosa personalidade na história do desporto activo do país.

Como exemplo, apontar-se-há o actual ministro do interior, cumulativamente presidente da federação de atletismo e do comité olímpico nacional, sr. Urho Kekkonen, o qual ainda no verão de 1938 participou nos campeonatos de atletismo da cidade de Kajaani, sua terra natal, classificando-se em quarto lugar no salto em altura com 1m,65. Contando agora 37 anos, o ilustre homem de Estado era ainda à três lustres campeão e recordman da Finlândia do salto em altura com 1m,85, percorria os 100 metros em 10,9 segundos e foi oficiosamente recordman do mundo do triplo-salto.

Numa mensagem dirigida por intermédio do boletim editado pelo Comité finlandês à mocidade de todos os povos, o sr. Kekkonen explicava em Março passado o conceito em que devia ser tido o olimpismo e os propósitos de imprimir aos jogos um caracter mais íntimo, mais de camaradagem, em oposição às tendências de magestade e grandeza que nas últimas organizações se sobrepuzera aos próprios interesses do desporto.

Esta interpretação torna compreensível a organização interna do desporto na Finlândia utilizando-o como elemento de utilidade para o vigor e a saúde do povo, embora depois se lhe aproveitem os resultados para a propaganda internacional do país.

Dispondo de um exército pouco numeroso, a Finlândia criou um corpo de defesa territorial voluntário cujo efectivo é dez vezes superior e ao qual ligou intimamente a expansão prática da cultura física e desportiva.

Trata-se da Guarda Cívica, constituída de início pelos «Capotes cinzentos» do exército camponês do marechal Mamerhemi depois da libertação do território em 1918.

Compreendendo mais de cem mil alistados, a Guarda Cívica, possui uma organização central desportiva cujo objetivo é manter a actividade e o vigor físico dos homens até o mais tarde possível, alheando por completo as preocupações de especialização e resultados. E', na verdadeira acepção do termo, a aplicação generalizada do desporto utilitário.

Os desportos de inverno, sobretudo as corridas em esqui, verdadeiro meio de transporte popular nas regiões que passam mais de meio ano cobertas pela neve, são também empregados em larga escala; os guardas cívicos reservam uma jornada por ano para disputar em todo o país duma grande prova em esqui no percurso de vinte quilómetros, na qual tomaram parte êste ano seis mil homens.

A propaganda desportiva efectuada por intermédio dêste organismo é já considerável, bastando dizer-se que a ela se deve a construção de 350 estádios espalhados pelo território do país.

★

Terminou finalmente, após começo tardio e seqüência arrastada, o último campeonato de Lisbôa da época de 1938-1939: o de hockey em patins.

Foi seu vencedor o Sporting Club de Portugal, desta vez sem possibilidade de reclamações que permitam a espoliação, em secretaria, dum bem legitimamente conquistado no campo, como sucedera no torneio do ano precedente.

A equipa dos «leões» mereceu o triunfo, que tôda a crítica sancionou, o mesmo se podendo afirmar em referência ao Benfica que coleccionou com brilhantismo os títulos nas três categorias inferiores.

A equipa de hockey em patins do Sporting Clube de Portugal, que conquistou com brilhantismo o campeonato regional da especialidade

Martins Vieira, do Sport Lisboa e Benfica foi o atleta mais brilhante da época, que encerrou conquistando o récord dos 200 metros barreiras

Podemos, portanto, apresentar completa a lista dos campeões regionais de todos os jogos de equipa possuindo organização oficial, e que é a seguinte:

Basket-ball — União Futeboi Lisboa.
Futebol — Sporting Club de Portugal.
Handball — Sporting Club de Portugal.
Hockey em campo — Clube Futebol Benfica.
Hockey em patins — Sporting Club de Portugal.
Ping-Pong — Matadouro Futebol Club.
Volley-ball — Instituto Superior Técnico.

Dos chamados grandes clubes, apenas o Sporting conseguiu incluir-se na lista, talhando para si — como era lógico — a parte de leão.

Nas modalidades de caracter individual foi o título atribuído, no ciclismo, a um representante do Unidos Futebol Club, e no atletismo oficiosamento ao Sport Lisboa e Benfica cujos representantes alcançaram maior número de primeiros lugares nos campeonatos de Lisboa.

Em tennis, desporto cuja entidade dirigente parece pouco segura da sua missão, apenas foi disputado o campeonato de segunda categoria, onde o Sporting obteve mais um êxito que depois confirmou no campeonato nacional.

SALAZAR CARREIRA.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

IMPRENSA

Recebemos de Luanda e Ponta Delgada exemplares dos jornais «O Estudante», «Correio dos Açôres» e «Ilha», cada um dos quais insere uma nova secção charadística, respectivamente, sob a direcção de «Maciste», «Catos» e «Franimach».

Com prazer constatamos que tôdas estas secções seguem a nova nomenclatura. Aos seus Directores enviamos calorosas felicitações.

RESULTADOS DO N.º 39

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 12)

QUADRO DE HONRA

Alvarinto, Édipo, Fosquinhas, Haníbal, Jorubasil, Lérias, Ricardo, Soba da Tôrre, M.me Lérias, Miss Sporting, Já Mexe, Marcolim, Castela, Nuninho, Siulno, Ramou Lácrimas e Sol de Inverno

QUADRO DE MÉRITO

Dr. Sicascar, Ti-Beado, Mirna e Dama Negra — 11. Agasio, Doris I, Sevla, Francisco J. Courelas, Visconde X, Tarata, Diriso e Cigano — 9. D. O. X., Aureolinda, Neptuno, J. Tavares, Calaveras, Aristofanes e Oliva — 7. Anjo das Serras, Tiroliro e Jónio — 5

DECIFRAÇÕES

1 — Radiante. 2 — Minhocas. 3 — S. José. 4 — Pessoa. 5 — Ajaja. 6 — Amanhã. 7 — Descerrar. 8 — Sacola. 9 — Gralhada. 10 — Roleta. 11 — Barbado. 12 — Rês por rês.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Maria, pedi-te um beijo,
Não quizeste, que tristeza;
Pedir ou dar é desejo
Que se liga com *destreza*. — 6-1-2-9-7

Mas um dia, aqui te juro,
Hei-de entrar no teu *pomar* — 10-6-2-4-5
E dos pomos eu procuro
Aquele que mais gostar.

Ouso afirmar o que digo,
Sem receio de me enganar;
Assim, toma por castigo...
Um castigo *exemplar*. — 7-9-4-6-10

No meio de tantas agruras
Nem sabes o que padeço,
São tamanhas as torturas...
Parece que *empalideço*. — 1-8-3-4-10

Não queiras que mais padeça,
Consulta o teu coração,
P'ra que êle se compadeça
Da minha grande *paixão*.

Leiria — *Magnate*

ENCADEADA (Mefistofélica)

2) Quem *engana com astúcia*,
E' «*importante*» estar guardado,
Porque pode suceder
Ficar às vezes *burlado* (2-2-3

Lisboa — *Rei-Fera (postumo)*

ADITIVA (Antigas)

3) — Onde vais qu'rida Leonor,
Vais para alguma *viagem*? — 3
Nesse caso, meu amor,
Deixa-me cá tua imagem.

Não porque de ti me esqueça,
Nunca me saes da *memória*, — 2
Mas é que a tua cabeça,
Ai! de mim se desmemória.

Lembra-te que os olhos teus
São a minha perdição;
Vai, meu amor, vai com Deus,
Mas *por muito tempo* não.

Leiria — *Magnate*

ENIGMA

4) Após um dia outro dia,
Sem cabeça para nada,
Vou subindo esta escalada,
Da vida da fantasia...

Sem gôsto, sem alegria,
Vou sofrendo esta maçada,
Até que em hora marcada
Surja a morte, a vil espia...

A vida é sempre cruel,
Mar de pranto; mar de fel,
Onde todos naufragamos...

Demora a dar o que qu'remos,
Aquilo que pretendemos,
Corta cerce o que sonhamos!

Lisboa — *Lérias*

TRABALHOS EM PROSA

ADITIVAS (Novíssimas)

5) É *delicado* em extremo. Assim a *vida* deve levar-se *docemente*. 3-2

Luanda — *Fernando Costa*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 48

6) Quem *apura* com *permanência* uma *pechincha*? 2-2

Lisboa — *Néné*

7) O *casal* de pombinhos, que *ali* está, *conversa* amorosamente. 1-1

Luanda — *Tony*

(Ao meu Grupo)

8) *Atenção*, malta! Tomem «*nota*» que é êsse o homem *referido*. 2-1

Luanda — *Enigmático*

9) No *comércio* depravado *até* o *vadio* tem acção. 2-1

Luanda — *Mr. Le Bossat*

10) «*Duas vezes*» tomei esta «*bebida*» para me livrar dêste *verme*. 1-1

Luanda — *Mefistófeles*

11) *Dentro de* certo vaso de loiça há uma rosa que está a *começar* a *desabrochar*. 2-2

Luanda — *Dr. Sicascar*

12) Por causa do nosso *abraço*, minha *querida*, partimos a *chávena*. 1-2

Luanda — *Ti-Beado*

13) Foi por aquela *ponte além* que se fêz o contrabando do *tecido de seda*. 2-1

Algés — *Marcolim*

(Ao saudoso «Rei-Fera»)

14) Ao prestar homenagem à tua *querida memória*, sinto-me *bem*. 2-2.

Lisboa — *Infante*

15) A nossa *contenda* só *admite* um *entendimento de má vontade*. 3-1-2.

Vila de Rei — *Doris I*

16) No nosso *tempo* uma *torrente de água* constitui um grande valor para o *tesoiro público*. 2-2.

Luanda — *Mefistofeles*

17) *É* esta a *morte* que tem aquele que se serve do *azorrague* para castigar os seus inferiores. 2-1.

Luanda — *Tony*

SINCOPADAS

18) O pobre chora o seu destino. 3-2

Luanda — *Sergipe*

19) Não tem *limite* êste amor *afectuoso*. 3-2

Lisboa — *Mirones*

20) O álcool é a *origem* fundamental da má *prática* social. 3-2

Luanda — *Enigmático*

21) Para enfrentar um *incidente inesperado*, muita *habilidade* é necessária. 5-4

Luanda — *Um Misterioso*

22) Quem der com *menosprezo* um *donativo* merece um murro. 3-2

Luanda — *Mr. Le Bossat*

23) Ante um caracter *submisso* sempre me *submeto*. 3-2

Lisboa — *Adeusinho*

24) *Segura com fivela* o *oficial de justiça*. 3-2

Lisboa — *Zé*

25) A *discussão* é um defeito da «*mulher*». 3-2

Lisboa — *Mora-Rei*

26) O *fanático* faz tudo pela *calada*. 3-2

Lisboa — *Morenita*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

PALAVRAS CRUZADAS

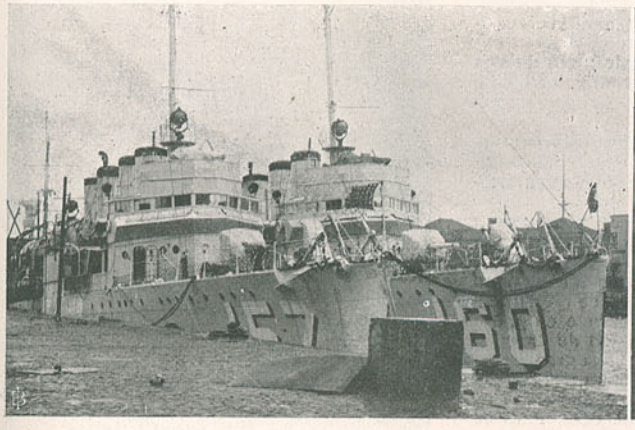
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7

DECIFRADORES

Alvarinto, Aureolinda, Dilecto, Édipo, Fosquinhas, F. J. Courelas, Haníbal, Já Mexe, Jorubasil, Lérias, Marcolim, M.me Lérias, Miss Sporting, Ricardo, Sevla, Soba da Tôrre, Tarata, Ti-Beado e Visconde X

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O presidente da Assembleia Nacional lendo a mensagem do Chefe do Estado em que há passagens lapidares como esta: «Seja qual fôr a evolução dos acontecimentos, continuaremos afirmando o nosso sincero desejo de que todos os conflitos se resolvam dentro do espírito do direito e da justiça, e também a necessidade de manter o prestígio do espírito europeu que foi o criador da civilização e é o seu mais alto garante» — *À direita:* O sr. Presidente do Conselho proferindo, na tribuna da Assembleia Nacional, o seu notável discurso. — *Em baixo:* Um aspecto da Assembleia Nacional no momento em que o sr. prof. José Alberto dos Reis procedia à leitura da mensagem do Chefe do Estado



Os contratorpedeiros americanos «Herbert» e «Dickerson» que vieram juntar-se no Tejo às outras unidades que já se encontravam nas nossas águas. — *À direita:* O ministro dos Estados Unidos e sua esposa recebendo os cumprimentos do almirante e mais oficiais americanos

ATRAVESSAMOS *um momento de sofrimento para a pobre humanidade e ainda que seja longe de nós que se desenrolam as tragédias da guerra, e, que não sejam aqueles que directamente nos pertencem pelo sangue, ou pela raça, os que padecem, não podemos deixar de sentir o coração apertado ao ler êsses lacónicos telegramas, que os jornais publicam.*

Laconismo tão expressivo que êle vale pelas mais detalhadas descrições. A pobre Polónia completamente invadida vê arruinada as suas cidades, vê destruida a sua liberdade e retalhada e dividida, entre duas nações dum autoritarismo cruel, vêem os polacos espesinhadas as suas leis e as suas crenças, vivendo aqueles que ficaram, nas ruinas dos seus lares, e os que fugiram, no doloroso exílio dos campos de concentração.

E é profunda a consideração que sentimos perante êsse povo heróico, vencido pela fôrça, mas moralmente vencedor pelo ardente patriotismo, que demonstrou, que o fez preferir a morte do lutador, à vida do escravo, que se deixa cobardemente algemar.

A nossa compaixão vai muito principalmente para a mulher polaca, que pelo seu talento e pela sua cultura, foi um elemento de ressurgimento da Polónia após a Grande Guerra, e, que foi um exemplo, para as mulheres de todos os países.

Como artistas, professoras, sábias até, as mulheres da Polónia pelo seu encarniçado trabalho, foram sem dúvida as criadoras de energia e de bem estár do povo. O seu trabalho incessante e o seu corajoso incitamento muito contribuíram estou certa, para a corajosa resistência oposta aos invasores.

A mulher polaca, que na paz se salientou pelo estudo e pelo trabalho, auxiliou o homem polaco, na defesa do país e de enxada e picareta na mão cavou trincheiras e abrigos, emquanto que moralmente pela sua atitude dava a coragem que criou os actos que não podem deixar de causar admiração, dos combatentes de Westerplatte e dos defensores de Varsóvia.

Mas como não sentiria essa mulher corajosa o seu coração dilacerado ao vêr destruido o seu lar, morto o seu marido, e condenados à escravatura ou ao exílio os seus filhos? Mulher do povo, aristocrata, estudiosa ou artista ela merece, que tôda a mulher digna dêsse nome se incline respeitosamente perante a sua desgraça, e que de longe lhe seja enviado o confôrto que a compreensão e a simpatia levam às grandes dores.

Mas há no aspecto desta guerra coisas que não podem deixar de comover profundamente todo o coração feminino, que é sempre um coração maternal, ainda que de facto o não seja.

E êsse aspecto é a partida em massa das crianças inglesas e francesas, de Londres e Paris que vão ser postas a recato, contra os ataques aéreos.

Trazem-nos as fotografias publicadas um aspecto de sorrisos de pais e mãis nas estações de onde elas partem.

Mas não pode haver nada mais angustioso para um coração de mãi do que a separação dos filhos no momento do perigo.

A mãi tem sempre a impressão de que ao seu lado o filho está sempre mais protegido; de que ninguém o defende como ela, e ter de o deixar partir no momento em que êle mais carece do seu amor; é doloroso.

E depois na vida das crianças não é só o ataque aéreo o perigo, há tantos inimigos a espreitar a sua frágil existência, sendo um dêles a doença.

Quem pode afirmar que essas crianças gozarão sempre uma boa saúde longe das suas mãis, e, se adoecerem que tormento não será o seu, de se verem longe das mãis, a quem estão habituados a vêr debruçadas sôbre os seus pequ nos leitos ao mais ligeiro sofrimento.

Lembra-me sempre o que me dizia uma amiga estrangeira. Ela e o marido como artistas, tinham o seu tempo todo tomado com o trabalho e uma nomerosa prole; a mãi entregava-as a uma pessôa de confiança a quem as mais pequeninas estimavam mais do que à própria mãi pelo hábito de com ela viverem sempre.

Mas quando estão doentes é a sua mãi que elas chamam e querem a seu lado; dizia-me esta senhora.

E em tôda a parte assim é, a criança quando sofre, só quere a sua mãi e deve ser um tormento esta separação, num momento doloroso.

A mãi no seu imenso amor faz êsse sacrifício, para salvar a vida dos filhos, que a crueldade dos homens ameaça, mas a criança, que não compreende porque a separam daquela que é o seu amparo, deve sentir-se bem infeliz.

E todos êstes tristes espectáculos devem despertar no coração da mulher que sente, a compaixão pela humanidade que sofre os horrores da guerra e as suas dolorosas conseqüências, que vão afectar, os mais respeitáveis sofrimentos humanos e fazem derramar as mais ardentes lágrimas, que disfarçadas com o enganador sorriso devem cair no coração como gôtas de chumbo derretido.

E que acusação não são essas lágrimas para aqueles que desencadearam êsses tormentos horríveis, sôbre aqueles que apenas incomodavam a sua ambição, pela sua existência e a sua vida de trabalho próspero.

MARIA DE EÇA.

A MODA

ESTAMOS em pleno outono e a moda desta estação está já lançada. Muito prática a moda adapta-se às condições da humanidade que a incerteza agita.

Mas a verdade é que a mulher nem mesmo através das maiores calamidades desiste de fazer «toilette» e de pensar na sua personalidade de elegância.

Através de tôdas as agitações, em plena revolução no fim do século XVIII, Paris lançava modas, que todo o mundo seguia.

Quando da Grande Guerra o mesmo sucedeu. A França invadida; o sofrimento geral era enorme e, imperturbável, a moda nascia em Paris, sob a ameaça da «Grosse Bertha». E agora ainda Paris nos manda as suas inimitáveis criações.

Nota-se mais simplicidade talvez nos últimos modelos, um certo desejo de confôrto aliado à simplicidade, mas sempre a ideia da elegância e da linha.

Nesta época do ano aparecem os primeiros abafos, aqueles que não são ainda os verdadeiros abafos de inverno, mas que são confortáveis.

As capas têm um lugar preponderante na moda dêste outono e vê-se grande número de capas e de vários géneros, desde a capa de desporto, género da capa de montanha com o seu capuz, até à capa de noite de requintada elegância feita em brocados, veludo ou peles.

Damos hoje um bonito modêlo de capa de tarde em pano azul escuro. Duma grande elegância de corte, tem esta capa a graciosa novidade de ser atacada com cordões nos ombros, uma gola muito simples guarnece-a. Para os primeiros dias de outono fica muito bem com qualquer vestido de seda como a gravura apresenta, um vestido imprimé azul escuro e branco.

Mas na doçura do nosso clima pode esta capa ser usada no inverno e ficará muito bem com uma saia no mesmo pano azul escuro e uma jaqueta em pano ou malha, azul sulfato, roxo ou vermelho.

O chapéu que a acompanha é em feltro azul escuro com uma aplicação em «strass», sapatos azuis escuros completam êste elegante conjunto.

Outra «toilette» de meia estação é êste casaco género vestido, em lã «beije», a parte de cima tem um espelho e a aba é cortada em «godets» e muito rodada.

Tem uma facha que ata à frente em seda imprimé, igual à do vestido usado por dentro. Mas não querendo ter o casaco preso no vestido, pode em vez da facha substituir por um cinto largo em camurça, ou no mesmo pano pespontado com uma fivela forrada da mesma fazenda.

Para a noite damos dois modelos, a vida segue o seu ritmo, e, qualquer senhora tem de ter no seu guarda-vestidos um ou dois vestidos de noite, porque embora entre nós não haja o costume de em casa se vestir de cerimónia para o jantar, pode ser convidada para qualquer casa e é mais elegante usar uma «toilette» de noite, que não seja, é claro, exageradamente decotada e com aspecto de grande gala.

Nesse género é um dos modelos apresentados, duma grande elegância. Em «crêpe marocain» azul pastel tem um corte elegantíssimo à frente e atrás machos cosidos até certa altura puchamla roda da saia, que aos lados fica lisa, dando uma linha elegantíssima à silhueta.

O corpo na frente tem as mesmas pregas que se escondem num alto cinto em bico, bordado a contas de côres em que predomina o prateado e o dourado.

As mangas curtas são bastante tufadas e a grande gola forma um capuz que se usa caido nas costas como guarnição ou na cabeça como agasalho à saída.

E' muito elegante êste modêlo.

O outro modêlo é um vestido para menina, em renda branca tem na saia um fôlho de «chiffon» branco plissado, seguro com uma fita de veludo preto.

No corpete tem a mesma guarnição em fita de veludo preto, a parte superior da frente é também em «chiffon» plissado assim como as mangas em balão que terminam por um fôlho seguro pela mesma fita preta de veludo.

No pescoço um colar de pérolas. O penteado duma simplicidade máxima é o adoptado pela maioria das meninas que possuem umas lindas tranças.

O REGRESSO DE FÉRIAS

ÊSTE ano o regresso de férias é sem alegria, mesmo para aqueles que vivem num país neutral, mas a sombra da guerra é duma tristeza tal que ensombra a distância.

Todos os anos é nesta ocasião, que as donas de casa em tôda a parte da Europa preparam o seu ninho para o inverno. Depois das limpezas a fundo, o renovamento do que durante o ano se estragou, o embelezamento da casa, tornando-a o refúgio para os tristes dias de inverno, em que tão bem sabe o conchego dum bom lume e o confôrto da casa.

Mas nesses países que a guerra ensangüenta, que de lares despedaçados, que de casas que não tornarão a ver a família reünida, e, quantas não esperam ser destruídas dum momento para o outro, dependendo a sua segurança apenas duma ordem de que o capricho dum mandante fôra, dum aviador o poderoso executor.

E debaixo dessa ameaça não haverá gôsto para embelezar a casa que já não reüne todos os da família.

Mas nós, os que vivemos longe da tormenta, embora não possamos esquecer os que sofrem os horrores da guerra, não devemos desanimar e com serenidade preparar a nossa vida, que se resentirá fatalmente da desgraça alheia, mas que deverá ser serena e confiante.

Mais do que nunca as donas de casa terão de se esforçar, por tornar a casa, o lar onde se disfruta a paz, e, êsse confôrto que será o atractivo da família.

E se êste ano o regresso de férias não é uma alegre chegada, onde vicejam as saudades dos dias de férias e descanso passados numa alegre praia ou na adorável paz da aldeia, deve ser o princípio duma temporada, que embora difícil devemos aceitar com corajosa resignação, não a resignação fatalista, mas sim aquela que nos fará procurar estar o melhor possível dentro duma situação má.

NECESSIDADE É LEI

QUEM entra agora numa casa de chá ou num restaurante em Paris ou em Londres, ao olhar os cabides onde até aqui se penduravam os chapéus, as bengalas ou os guarda-chuvas, depara com as caixas das máscaras anti-gás, que bem à mão serão aplicadas ao primeiro sinal de alarme, que tristemente ecoe pela cidade.

Ninguém interrompeu a sua vida, sòmente que além do guarda-chuva que sempre nessas cidades se usou enfia-se também no braço a correia da caixa da máscara, e assim se vai para o emprêgo, para o restaurante, para o cinema e assim vive numa angustiosa espectativa, uma população de milhões!

E a humanidade a tudo se habitua e suporta e aos primeiros dias de enervante sobressalto, seguem-se outros, que parte dêles são passados nos abrigos, mas a que o hábito tem tirado o aspecto aflitivo dêsses refúgios obrigados.

A necessidade é uma lei bem dura mas a que não se pode fugir.

HIGIÉNE E BELEZA

A beleza não se consegue apenas à fôrça de crèmes, pinturas e maçagens. Para ter a beleza natural, que vem da bôa saúde, é preciso ter uma vida muito regular e sobretudo dormir bem.

O sono tem na beleza da mulher uma grande influência. Quem dorme bem, num quarto bem arejado, tem de manhã um parecer fresco e repousado que muito contribuírá para tornar mais belo o rosto. Deve haver regularidade na hora de deitar, que não deve exceder a meia noite e com oito horas dum sono reparador está realizado o ideal.

As pessoas que dormem mal devem tomar um banho quente, antes de se deitar e devem fugir a tôda a distracção que as excite.

Não devemos nunca fazer refeições pesadas de noite para não nos deitarmos com o estômago cheio.

Depois de deitadas repousar sôbre o lado direito e fazer que desapareça tôda a tensão nervosa ou muscular tornando o corpo pesado.

E assim se contribui para conservar a beleza.

RECEITAS DE COZINHA

Bolos de Avelãs: Avelãs peladas e pisadas 90 gramas, Açúcar 200 gramas, Ovos de tamanho regular 6, Farinha de trigo 90 gramas.

Misturam-se primeiro as gemas dos ovos com o açúcar, até estarem bem ligados; em seguida junta-se a farinha, pouco a pouco mexendo constantemente a massa, até ficar bem ligada e compacta, depois deitam-se as avelãs pisadas e por último, as claras batidas em neve, misturando-as com os outros elementos.

Deita-se a mistura numa fôrma untada com manteiga e polvilhada com farinha, devendo ficar na fôrma uma altura de dois centímetros por encher para que o bolo possa crescer, sem que a massa trasborde.

Leva-se em seguida ao forno que não deve estar muito quente, até que o bolo esteja cosido.

Querendo que tenha um aspecto mais bonito depois de desenformar, guarnece-se com desenhos feitos com clara batida com ovo e «pistache» cortada muito miuda.

DE MULHER PARA MULHER

Alda: Deixe estar todo o dia ao ar livre o carrinho com o bébé, creia que o médico tem razão e que nada há de mais prejudicial do que ter a criança numa casa fechada. Bem basta o que assim terá de estar nos dias de grande invernia. Não tenha mêdo que se constipe e quando voltar para a cidade, saia todos os dias com a criança e se puder ir para um jardim ainda melhor será.

Lili: Acho que faz muito bem de querer fazer o curso de enfermeira, tôda a mulher deve saber como se tratam feridos e doentes. É quási uma obrigação. Convença seus pais, que não é essa a sua intenção Certamente que êles acreditam na sua palavra e deixarão de se opôr. Não há ainda motivo para êsses alarmes.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. V. 10
Copas — V. 6
Ouros — A. 9, 8
Paus — — — —

Espadas — 8, 7 Copas — 5, 4, 3 Ouros — 7, 4, 3 Paus — — — —	**N** **O** **E** **S**	Espadas — R. D. Copas — R. 9 Ouros — R. D. Paus — R. D.

Espadas — 9, 6
Copas — A. 10, 8
Ouros — 6
Paus — 9, 8

Trunfo copas. **S** joga e faz tôdas as vasas

(Solução do número anterior)

S joga A *p.*
S » R *e.*, **N** — 4 *c.*
N » D *p.*, **S** — 6 *o.*
N » 5 *c.*, **S** — A *c.*
S » D *e.* De qualquer forma que **O** jogue só faz o R *c.*

As cinco letras

(Solução)

(1) — B, C e D.
(2) — B.
(3) — 1.ª, 3.ª e 5.ª coluna e 1.ª fila.
(4) — 3.ª fila.

Facto impressionante

Conta um dos biógrafos de Leonardo de Vinci que enquanto este artista estava pintando o seu grande quadro «A última Ceia» tivera uma questão violenta com um homem qualquer e jurára vingar-se dêle.

Sob esta impressão de irrascibilidade, o artista desenhon o rosto de Judas, mas quando chegou a vez de pintar o rosto do Senhor, não tinha maneira de conseguir dar-lhe a expressão de amor e ternura que procurava imprimir-lhe.

Largando os pinceis, Leonardo de Vinci foi ter com o homem com quem tinha brigado e pediu-lhe perdão. Voltou depois ao seu trabalho e pintou o rosto de Jesus.

O número 7 era geralmente considerado sagrado, entre as nações da antigüidade. Na China, porém, o número importante era o 5.

Havia 5 imperadores lendários, cinco, «elementos» na Natureza, cinco bêm-aventuranças, cinco montanhas protectoras, cinco orgãos internos no corpo humano e cinco animais sacrificáveis.

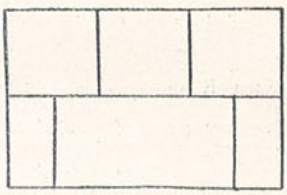
Árvores gigantes

Árvores capazes de abrigarem à sua sombra umas 1.500 pessoas e ocupando cêrca de 5 000 metros quadrados de terreno, são os famosos sicómoros gigantes da Abissínia, cuja folhagem, teimando em viver, vai resistindo ao calor abrasador dum sol implacavel e bem assim à massa devastadora da água torrencial que durante todo o verão assola o país. Em vista de possuirem um tal sistema de ramagem e folhagem, não é para admirar que possuam igualmente raizes de dimensões gigantes. Algumas destas estendem as suas ramificações até uma distância de meio quilómetro de tronco. Com tamanha base não há perigo de tombarem.

O mais extraordinário é que na sua primeira infância, esta árvore colosso precisa de outra que lhe sirva de amparo, à qual, dentro de pouco tempo, e *em recompensa* acaba por esmagar com o seu próprio pêso.

Traço contínuo

(Passatempo)



Trata-se de cortar todos os traços da figura supra sem levantar o lápis do papel e sem passar mais do que uma vez por cima de cada traço.

Numa experiência feita relativamente às qualidades duradouras de vários tecidos, viu-se que por cada cem dias de uso que pode dar o algodão, o linho dá quarenta e três, a lã vinte e três, e a seda quatro.

Figura geométrica

É um trapézio.

Os caracóis são inteiramente cégos, mas teem um olfato muito desenvolvido, podendo, por meio dêsse sentido orientar-se como se estivessem dotados de vista.

Um sábio entomologista alemão teve a paciência de estudar uma teia de aranha e de verificar que pesa seis centigramas, quatro miligramas e seis deci-miligramas, e tem seis mil trezentos e noventa e seis (6396) fios!

Os diamantes que há no mundo

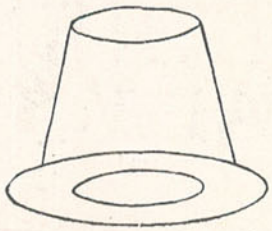
Segundo certas estatísticas deveria haver no mundo 40 000 quilos de diamantes, dos quais 34.000 seriam fornecidos pela Africa do Sul, 2.500 pelo Brasil e 2.000 pela Índia.

Pensamentos

A beleza da mulher depende dum conjunto de perfeições a que as da alma não são estranhas.

A fartura não basta para fazer o homem feliz: quantos ricos não vivem desesperados e quantos pobres são relativamente felizes.

Ilusão de óptica



Qual é a maior das duas pequenas elipses representadas no desenho?

Cremos que todos dirão à primeira vista ser a da parte superior; quando, o que é facto, é ser ela perfeitamente igual à inscrita na elipse maior.

Conselhos de amigo

Se a mulher que amas é do teatro, não a deixes andar em más companhias. Se não fôr do teatro... idem.

* * *

Se um menino da visinhança chora à hora a que desejas dormir, não te sentes em cima dêle, atrocidade que, por certo, acudirá à tua imaginação. Basta tapar-lhe mimosamente a boquinha com uma rôlha de cimento Portland.

* * *

Quando queiras apreciar devidamente o lindo *sport* do *foot-ball*, imagina que os pontapés que os jogadores dão na bola os davam em ti. Logo que o penses, desertas.

* * *

Quando vires um carroceiro a espancar uma pobre mula, aproveita a ocasião; fecha os olhos e pensa por um instante que em vez da mula estava ali um dos teus máus amigos. Juro-te que é uma voluptuosa ilusão.

* * *

Quando tenhas que saír de casa para ir pagar uma dívida, não sáias com o pé esquerdo. Também te não aconselho que sáias com o pé direito; acho preferível não saíres.

— O teu cão é bom para os coelhos?
— Se é bom?... E' um santo! Não é capaz de lhes fazer mal nenhum!

À VENDA

ALMANAQUE BERTRAND

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Descrição e mapas, a côres, do

IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado ..... **10$00**
Encadernado luxuosamente.... **18$00** — Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PARA AS FACULDADDES

O mais completo e variado sortido de livros de **Medicina**, de **Direito**, de **Engenharia**, etc., tanto nacionais como estrangeiros

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **Prof. Dr. LUÍS DE PINA**

A primeira e mais completa obra no género, em Portugal

Indispensável aos estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor,

Esc. 30$00

Fazem-se remessas à cobrança

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PARA OS LICEUS

Obras da Prof.ª DR.ª SEOMARA DA COSTA PRIMO aprovadas pelo Ministério de Educação Nacional.

Compêndio de Botânica, para o IV, V e VI anos, com 218 figuras e 3 est. a côres ... **Esc. 18$00**

Compêndio de Biologia, para o 3.º ciclo dos liceus, com 112 figuras, 8 fotogravuras e 2 est. a côres ..... **Esc. 18$00**

Compêndio de Zoologia, para o IV, V e VI anos, 336 págs., com 218 figuras, 8 fotogravuras e 3 est. a côres..... **Esc. 20$00**

O melhor livro de puericultura, de harmonia com o programa oficial é

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

PELO **DR. SAMUEL MAIA**

Edição primorosa, com muitas gravuras

1 vol de 368 págs., broc..... **Esc. 15$00**

Pedidos a **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa — que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de todos os LIVROS DE ESTUDOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc.

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR QUE NÃO AFECTA A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12$00; enc., Esc. 17$00
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O melhor método para aprender a ler

JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.ª e 2.ª parte, cada 2$00
Album da Cartilha Maternal, enc. ..... 90$00
Guia da Cartilha Maternal, 1 fol. ..... 2$00

A Cartilha Maternal de João de Deus
é o melhor método de leitura de consagração nacional adoptado pela maioria do professorado primário

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do país

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. 25$00

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

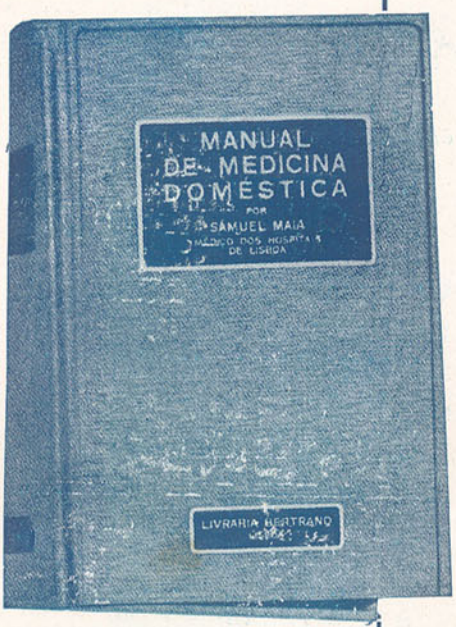
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.



Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinquenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos,** e estará concluida no proximo ano.

Unicamente dicionário da língua portuguesa

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 8.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA